Aveiro, 23 de Junho de 1962 * Ano VIII * N.º 400

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITANIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

Bispo e Soldado

D. FREI JORGE DE SANTA LUZIA

PELO DR. ANTÓNIO CHRISTO

OUTRA vez algumas palavras sobre o dominicano D. Frei Jorge de Santa Luzia, um dos mais ilustres aveirenses de todos os tempos, luminar da Igreja e glória da Nação.

A fortaleza de Malaca — conhecida pelo nome de *Famosa* — depois que se concluiu e ficou completa com a sua artilharia e guarnição de soldados, diz Manuel Godinho de Erédia, na sua *Declaraçam de Malaca e India Meridional com o Cathay*, que «criou entre os malaios um sentimento de intenso medo e pasmo, que durou permanentemente, para grande crédito e honra da Coroa de Portugal».

Nem por isso Malaca deixou de sofrer numerosos e violentos ataques de malaios, javaneses e achéns.

Eram grandes os ódios contra os portugueses que dominavam aquelas terras, arroteando-as sacrificada e amoràvelmente.

Entre os seus mais encarniçados inimigos, alinhava o Rei de Achém, soberano que consubstanciava todas as abjecções de um povo sem fé, sem honra e sem palavra, excepcionalmente belicoso e traiçoeiro, tão de temer na fúria da guerra como no sossego da paz.

Durante o pontificado de D. Frei Jorge de Santa Luzia, o feroz e ardiloso monarca pôs cerco à cidade, com uma numerosa armada, em 1568 — Jaime Cortesão, no seu estudo sobre o *Domínio Ultramarino*, diz que em 1567 — renovando os assédios em 1572, em 1573 e em 1575.

Falemos, por agora, do primeiro.

Em 20 de Janeiro de 1568, o Capitão da fortaleza de Malaca, D. Leóniz Pereira, encontrava-se na praia a celebrar com o povo o aniversário de El-Rei D. Sebastião quando avistou perto de Pulo Upech, em frente de Hilir, uma grande esquadra.

Compunha-se a frota de 350 navios com numerosos combatentes, segundo a conta de Jaime Cortesão, que Manuel de Faria e Sousa, na *A'sia Portuguesa*, fixa mais detalhadamente: «quase 350 navios de maior ou menor tamanho, assim mais de 200 canhões de bronze, e a gente chegava ao número de 20.000».

Por essa altura, segundo informa o Padre Manuel Teixeira no seu estudo sobre *A Diocese Portuguesa de Malaca*, a guarnição da cidade não contava mais de 1.500 homens, dos quais apenas 200 eram portugueses.

Não obstante, D. Leóniz

Continua na página 3

O JULGAMENTO DE EICHMANN

O DRAMA DE UMA ÉPOCA

POR M. LOPES RODRIGUES

FINDOU o drama da vida agitada de Eichmann. O pedido de clemência apresentado ao presidente Ben-Zvi — último apelo de uma angustiosa e desesperada situação — foi rejeitado, e, assim, no ambiente sinistro e silencioso do presídio de Ramleh, consumou-se a execução por enforcamento.

O promotor do massacre de milhões de judeus, perpetrado durante a vigência da política nazi e nos tempos trágicos da última guerra, expiou, deste modo, com uma morte inglória e ignominiosa, os seus vastos crimes genocidas.

Apoiados na força moral do seu racismo e no determinismo da sua lei, podem os judeus terem ficado satisfeitos com este acto final de mais um período histórico da sua vida e da sua condição de povo errante, que formando núcleos específicos, tão valiosos como parasitários, sempre orgulhosamente insubmissos, recusando-se, até então, a reconhecer os direitos das pátrias já que não tinham uma que fosse sua, se intrometiam, precàriamente, nas sociedades fixas, constituídas. Pode Israel proclamar a razão da justiça, e pode o seu povo serenar agora por ter, finalmente, conseguido a sua desejada vingança e a satisfação do seu ódio para com o homem maldito que representava, por si, todos aqueles que naquela época — ou desde longo tempo — foram os seus perseguidores arrenegados. Pode apontar-se o acto à Hunanidade — aos homens seus semelhantes — como desideratum que impõe a estes o dever de, legitimamente, condenar e castigar os êrros e os crimes que a afectam e pertubam. Mas o certo é que nem Israel nem o seu povo ficaram redimidos.

Eichmann era um homem deprimido que um ambiente de exacerbado nacionalismo destruiu em si o sentimento amoroso do humanismo, odiando. É um símbolo da guerra, no que ela contém de raivoso e exterminador, um símbolo da nossa época — o símbolo rancoroso das autodeterminações e das independências gerado no ventre das aversões racistas, do que nelas se manifesta de impiedoso e desumano.

Por isso o julgamento de

Continua na página 3

A Mensagem do Lusíada

ANTÓNIO NOBRE

POR RIBEIRO COUTO

1

NO último quartel do século XIX o pessimismo impregnava o clima do espírito em Portugal. Antero de Quental resumia o pensamento da sua geração nestas palavras desdenhosas, de inexcedível amargura: «*A literatura portuguesa está em decomposição. Ainda há quem escreva coisas literárias; mas literatura nacional, acabou. O que não admira: onde a nacionalidade é coisa morta, o que poderá ser a literatura?*».

A nação carregara tão pesadas grandezas durante os séculos anteriores, que os seus artistas e os seus poetas pareciam sùbitamente fatigados. O sarcástico Eça de Queirós, «vencido da vida», sacudia pelo riso o torpor da sociedade urbana, abafando no fundo do coração a sua imensa ternura pela gente do povo, sobretudo a gente rural, cujas virtudes sadias, com tanto lirismo, viria a exprimir em «A Cidade e as Serras». As raízes morais da nação pareciam tão desprezadas, tão esquecidas, que o próprio Eça de Queirós, já na fase da reação tradicionista, veria no D. Sebastião um símbolo de inatividade contemplativa. No ensaio em que combate a influência do francesismo na vida lusitana, escrevia ele: «*A alma de um povo define-se bem a si mesma pelos heróis que ela escolhe para amar e para cercar de lenda. O grande rei, para os franceses, é e será sempre Francisco I, enorme, robusto, ligeiro, rindo alto, batendo-se valentemente, amando mais valentemente ainda, radiante, gozando largamente a vida, poeta em certos momentos, artista por ostentação e falador eterno... O nosso genuíno herói, e isto resume tudo, é o poético e pensativo D. Sebastião*».

Mas esse rei, assim confundido com um ser elegíaco, não será um exemplo de energia? Seu pensamento não será o das batalhas a empreender para a conquista? Rei triste, mas não da tristeza «apagada e vil», da que fala o épico; tristeza juvenil de quem mora impaciente junto ao «mar tenebroso» e sabe que além grandes mundos estão à espera.

A faculdade característica do génio português não será a contemplação mas a acção. Nada exprime melhor o instinto de heroísmo do povo, em sua expressão, por assim dizer, cotidiana e doméstica, do que certos vinhedos do Douro, que escalam a montanha, protegidos por muros de pedra, em

Continua na página 6

LANÇANDO O «PAPAGAIO»

Desenho de A. MARTINS da SILVA

Vai inaugurar-se o

PALÁCIO da JUSTIÇA

Artigo do DR. FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES

AVEIRO vai estar em festa brevemente. Motivo: a inauguração do Palácio da Justiça — edifício magestoso, de sóbria dignidade, a reflectir equilíbrio, como convém e o exige o fim superior a que se destina. O seu custo sobe a onze mil contos, dos quais apenas mil saíram dos cofres camarários para a aquisição do terreno. Não obstante, é integrado o imóvel no património municipal.

Salientar o significado do acontecimento é desnecessário, tanto ele é justamente avaliado pelas várias camadas sociais, porque todas elas, por instinto ou por inteligência, sentem e compreendem que a Justiça é o reverso das sociedade organizadas e que dela cada vez os povos mais carecem na ordem individual, económica e social. Também sentem e compreendem todos que a Casa da Justiça deve, pela sua própria compostura, sentido educativo e imponência ditar por si mesma respeito, ordem, disciplina, o que em instalações acanhadas, sem arranjo, a ameaçar ruina, como acontecia em tantas comarcas — hoje já em número reduzido

Continua na página 2

Vai inaugurar-se o Palácio da Justiça

Continuação da primeira página

— não é fácil nem mesmo possível.

Eis porque a festa é de todos os aveirenses e não apenas da nobre família judicial. Festa, pois, de regozijo. Mas também o há-de ser de gratidão para com o homem que, generosamente receptivo à petição aveirense, curou de erguer, com particular zelo, o edifício a cuja inauguração pessoalmente presidirá e que, apesar do seu avultado custo, chamou ainda ao ministério que dirige em alto nível o encargo da construção da casa dos magistrados, poupando ao município mais de mil contos.

E, como Aveiro não é só a cidade mas também a capital de um distrito — grande, rico e evoluído — cujo progresso se reflecte no maior prestígio dela, cidade, devemos, ainda, nós aveirenses, agradecer ao Doutor Antunes Varela a construção de edifícios novos para os tribunais de Anadia, Oliveira de Azeméis e Ovar, cujas obras vão crescendo ràpidamente e a que deve seguir-se o de A'gueda, e bem assim a edificação de casas para magistrados em Albergaria-a-Velha, A'gueda, Estarreja e Ovar. Relativamente aos tribunais de Arouca e Vila da Feira, cujas câmaras municipais, respectivamamente da presidência dos Drs. Joaquim Brandão e Domingos de Sousa — dois presidentes que se guindaram ao plano dos mais devotados servidores, mercê de acção notável dentro dos concelhos — promoveram a expensas suas grandes obras de modernidade, há a registar subsídios concedidos pelo Ministério da Justiça para compra de mobiliário.

Assim, e como já uma vez afirmei, o Doutor Antunes Varela resolveu todos os problemas existentes nas nove comarcas, hoje dez, da circunscrição aveirense, relativos à instalação dos serviços. Acentua-se que foi a partir de Janeiro de 1955, altura em que, a convinte e pedido meu, visitou Aveiro e se falou das necessidades das comarcas do distrito, que o ilustre estadista fez executar o que se referiu, e representa, uma vez concluídas as obras, investimento à roda de 25 mil contos. Tudo isto em 7 anos, o que por si só diz bem dos seus méritos e poder realizador.

Suponho que em nenhum outro distrito foi encarado e simultâneamente solucionado em todas as respectivas comarcas o fundamental aspecto da instalação dos serviços de Justiça. Isso avoluma a nossa gratidão. Neste sentimento cabe também lugar especial à restauração da comarca de Vagos — medida justíssima que vai impulsionar o desenvolvimeto do concelho que a Ria tanto prende a Aveiro e cujos interesses se entrelaçam com os nossos. Vagos foi muito afectado pela supressão da sua comarca, de arreigadas tradições. Certo dia, em conversa com o Doutor Antunes Varela, fiz-lhe notar que apesar do meu entranhado aveirismo me parecia mais justo, por mais cómodo para os povos e mais eficiente para a Justiça, restaurar aquela comarca do que criar um terceiro Juízo em Aveiro. Ainda hoje assim penso. A comarca renasceu. Iniciará a sua actividade em Outubro próximo. De novo os povos de Mira, outro concelho que a Ria também banha e com tantas afinidades com a nossa região, regressam ao convívio aveirense — no sentido lato em que sempre emprego o termo — ajudando o seu progresso.

★

Ainda outro motivo para estarmos gratos ao Ministro: a sugestão que deu a Mestre Martins Barata de tomar José Estêvão como tema do fresco de uma das salas de audiências do novo tribunal. Tanto eu como Alberto Souto manifestámos oportunamente o desejo de ver encarregado da pintura do fresco aquele consagrado artista, não só pela sua alta classe como também por ser um apaixonado das coisas aveirenses.

Procurou-me Martins Barata há uns três meses para me dar conta da decisão do Doutor Antunes Varela e ainda recolher elementos sobre José Estêvão que devessem figurar na composição, nomeadamente os relacionados com serviços prestados à sua e nossa querida Aveiro. Imediatamente escrevi ao Ministro a agradecer, cheio de contentamento, a homenagem que prestava ao maior orador português dos últimos séculos, de quem Aveiro recebeu a mais honrosa e perene herança: de patriotismo, de coragem, de desprendimento, de devoção à terra de nascimento, de crença em Deus, de amor à família, de generosidade, de tolerância, de liberdade — ideal grande a que ele tudo sacrificou, como hoje acontece com o mundo cristão que, lançando mão dos mais variados recursos, procura preservar a liberdade das arremetidas do seu mais poderoso e traiçoeiro inimigo, o totalitarismo comunista. Essa herança resume o conteúdo ideológico do aveirismo.

Pode o Ministro não conceder ao problema da liberdade a audiência e o amor que lhe dispensou José Estêvão. Pode, na hierarquia dos valores, colocá-la abaixo da autoridade, quando para o Tribuno uma e outra eram valores do mesmo nível, que se completavam para que, na ordem real, um deles não subjugasse o outro. Pode ser que seja como acabo de dizer. Mas se o for, o Doutor Varela, ao eleger o príncipe dos oradores para figurar em nobre salão do Tribunal, prestigiou-se, porque se mostrou isento e respeitador das ideias que informaram José Estêvão. Foi tolerante. E a tolerância é uma das facetas que melhor diz das virtudes de um governante. Ao fim e ao cabo, Antunes Varela quis render, ele próprio, homenagem ao espírito aveirense. Aliás, a personalidade do imortal aveirense quadra-se com a finalidade do Palácio da Justiça, pois toda a sua acção — de militar, de advogado, de professor e de parlamentar — mais não foi do que luta sem tréguas pela Justiça — na vida política, social e económica.

Agradeçamos todos ao Ministro ilustre o contributo inestimável que dá às comemorações do centenário da morte do nosso insigne Patrono, cuja memória o concelho pretende honrar em grande altura neste ano centenário. De lastimar seria que as comemorações ao menos não se aproximassem do nível brilhantíssimo que atingiram, em 1909, as do centenário do nascimento e nas quais tomaram parte oradores como, entre outros, Cunha e Costa, António Cândido, Manuel de Arriaga, Sebastião de Magalhães Lima, Alberto Souto e o filho do Tribuno, o Conselheiro Luís de Magalhães, que proferiu oração que deu brado.

★

Arrastou-se por longos anos o problema da construção do novo tribunal. Não porque o Dr. Álvaro Sampaio — cuja acção camarária continua bem viva no coração e na inteligência de todos nós, tão notável foi — se não tivesse multiplicado em esforços com esse propósito, nos quais pôs aquele cuidado, persistência e clareza que tanto o distinguem. Simplesmente, o facto do nosso tribunal dispor de instalações muito dignas, mercê das obras realizadas por esse outro grande presidente Lourenço Peixinho, que a todos os sectores concelhios levou espírito empreendedor e medularmente aveirense, não permitiu se criasse no espírito dos governantes inteira receptividade ao nosso problema. O próprio facto de o 2.° Juízo funcionar nas mais precárias condições não era de molde a impressionar, bem como a circunstância do tribunal ocupar metade do belo edifício dos Paços do Concelho o que tantos prejuízos acarretava à Câmara, cujos serviços fez distribuir por diversas casas com todos os inconvenientes próprios da dispersão e da improvisação. Com o Dr. Antunes Varela foi diferente. Ele compreendeu, naquela sua visita de Janeiro de 1955, o bom fundamento da pretensão da nossa Câmara. Oito dias após, tomava a decisão de construir o novo edifício. Quando comuniquei a boa nova ao Dr. Álvaro Sampaio o seu contentamento foi grande. Logo afirmou o propósito de corresponder à brevidade da resolução ministrial agindo por forma a que em escassos dias negociasse a aquisição do terreno e obtivesse os meios financeiros necessários ao seu pagamento. Não recordar nesta hora o meritório esforço do antigo e ilustre presidente na realização deste importante melhoramento seria imperdoável.

Também o seu inesquecível sucessor, Alberto Souto, viveu, pleno de entusiasmo e de devoção, a obra do tribunal. Consagrou-lhe muito do seu alto espírito, muito do seu aveirismo. Foi-lhe observado, a dada altura, certo desinteresse pela construção da casa para os magistrados. Não se tratava, porém, de desinteresse e antes do louvável propósito de poupar ao município a despesa com a obra, nunca inferior a mil contos. Algumas vezes, particularmente, me falou nisso e deu-me conta do seu plano — esperar a oportunidade de convencer o Doutor Antunes Varela a suportar, pelos cofres do seu ministério, o encargo com as obras ou, ao menos, conceder um subsídio, sob a alegação de ter o município dispendido elevada quantia na aquisição do terreno para o Tribunal. Isso se veio a verificar, já no mandato e por iniciativa do actual presidente da Câmara.

Coincide, presisamente, a inauguração do Tribunal com o primeiro aniversário da ainda hoje injustificada demissão de Alberto Souto. Mais uma razão para o não esquecer neste momento, embora sem pretender, aqui, analisar esse infeliz sucesso, tanto mais que o tratarei com o necessário desenvolvimento, sob os aspectos político e administrativo, em folheto que será publicado em Outubro — altura em que se completa um ano sobre o falecimento do insigne aveirense — e cujo produto reverterá a favor da construção do monumento que, por iniciativa do Clube dos Galitos, será erguido em sua memória e para o qual há a antecipada garantia de fundos bastantes para uma composição de elevada classe artística.

Hoje limito-me a manifestar a pena que tenho — e comigo milhares de aveirenses — de não ver Alberto Souto a abrir a sessão solene de inauguração do Palácio da Justiça. Com que enlevo, com que elevação, com que eloquência ele não falaria, ainda para mais advogado! Seria a voz de Aveiro — e era-o pela estatura mental, pelo amor que lhe consagrava, pelos excepcionais serviços que lhe prestou e pela formação democrata a emparelhar com a maneira de ser do povo — a dizer com autoridade, seriedade e elegância do nosso regozijo, a dizer das virtudes do professor Antunes Varela a quem Aveiro e o seu distrito tanto devem. Outra voz como a dele, repassada de aveirismo, não se fará ouvir nesse acto. E' pena!

Que o povo compareça a dizer o obrigado que é devido ao Ministro. O meu aqui fica — sincero e vibrante, porque ele bem merece da nossa terra.

Francisco do Vale Guimarães

Serviços Municipalizados de Aveiro

Aviso

Por deliberação do conselho de administração destes Serviços foi anulado o concurso aberto por anúncio publicado no *Diário do Governo* n.° 99 — 3.ª série, de 26 de Abril de 1962, para admissão, mediante provas documentais e práticas, de um desenhador de 3.ª classe, lugar a que corresponde o vencimento mensal ilíquido de 1 750$00, e é aberto novo concurso pelo prazo de 30 dias a contar da publicação do presente aviso no *Diário do Governo*, podendo porém concorrer os indivíduos do sexo masculino habilitados com o 2.° ciclo dos liceus ou com qualquer curso industrial completo que compreenda, até ao último ano, a disciplina de desenho, que se encontrem nas demais condições referidas no artigo 460 do Código Administrativo.

Serviços Municipalizados de Aveiro, 16 de Junho de 1962

O Presidente do Conselho de Administração,

a) **José Ferreira Pinto Basto**

D. Frei Jorge de Santa Luzia

Continuação da quinta página

Pereira, para não mostrar medo e não provocar alarme, continuou socegadamente a divertir-se com o povo, e só depois de acabada a festa dispôs a sua gente para a defesa.

Desde logo lhe ofereceram os seus préstimos, segundo informa Diogo do Couto numa das suas *Décadas*, o Patriarca D. Belchior Carneiro, da Companhia de Jesus, e o Bispo D. Frei Jorge de Santa Luzia, da Ordem dos Pregadores, «varão apostólico, e ambos homens havidos por santos, que naquele cerco acudiram a todas as necessidades com grande fervor».

No dia 21, o Rei de Achém mandou ao Capitão da fortaleza os seus embaixadores, na realidade simples espiões... D. Leóniz Pereira, que disso se apercebeu, ordenou que fossem agasalhados em sítio conveniente, longe dos bastiões, e só no dia imediato houve por bem recebê-los «sentado em huma cadeira de veludo com o lugar todo alcatifado, elle louçamente vestido; e o Patriarca, e Bispo em cadeiras de veludo para mais apparato, e os casados muito louçãos».

Trocados os cumprimentos e as lembranças, o Capitão da fortaleza despediu os embaixadores — que ficaram logrados, pois nada souberam do que pretendiam — e ultimou os preparativos para a defesa.

À meia noite, D. Leóniz Pereira mandou deitar fogo à povoação de Hilir. O Rei de Achém, ao ver as labaredas do incêndio, desembarcou a sua artilharia e a sua gente, abriu trincheiras e aprestou-se para o combate.

Diogo do Couto refere, com alguns pormenores, os constantes ardis do potentado e os inúmeros recontros das suas tropas com as nossas; e do seu relato se alcança que D. Frei Jorge de Santa Luzia a tudo acudiu com os seus conselhos, as suas orações e os seus heroísmos.

Quando D. Leóniz Pereira dispôs os seus homens na fortaleza, logo «os clerigos pediram huma estancia, que o Capitão lhes deo sobre o muro da banda do mar; e o proprio dia que entraram nella, foi a tempo que os inimigos combatiam o baluarte Sant-Iago; e vindo-lhes os pelouros assobiando pelas orelhas, se tornaram a acolher à Igreja: o que o Capitão dissimulou porque viu que mais haviam que estorvar que aproveitar»...

São muito compreensíveis os embaraços e os temores dos que generosamente se haviam oferecido para combater. Manuel de Faria e Sousa, na *A'sia Portuguesa*, desculpa-os deste modo: «Não há que admirar. Estavam muito habituados aos barretes do que aos elmos, às sotainas do que aos arneses, aos breviários do que às espadas, a responsos sobre mortos do que a respostas sobre muralhas».

O santo Bispo de Malaca, porém, foi um magnífico exemplo de prudência, de actividade e de bravura.

D. Leóniz Pereira «corria todas as estancias muitas vezes, e à boca da noite se hia pera a porta da Fortaleza, e alli dormia um pouco encostado na cadeira», sempre acompanhado dos que melhor podiam servir; «e o Patriarca, e Bispo, religiosos e clerigos também tinham seus quartos dobrados, porque huns eram nas Igrejas em orações e outros em correr as estancias, animar os homens e consolallos».

Em 15 de Fevereiro, o Rei de Achém, no desenvolvimento de um novo ardil, logo frustrado, mandou sair os seus guerreiros das trincheiras e ordenou-lhes que batessem a fortaleza em toda a roda, o que fizeram durante aquele dia e a noite seguinte — sendo D. Frei Jorge de Santa Luzia um dos que «neste conflito se acharam».

Sucederam-se os combates. A fortaleza era bombardeada por 200 canhões e atacada por 10.000 homens, que o Rei de Achém comandava da colina de Bukit China. Mas os nossos, pelejando como se fossem leões, dizimavam os atacantes por tal modo que o Rei de Achém, no dia 25 de Fevereiro, em paroxismos de desespero, atirou o turbante ao chão, começou a blasfemar de Maomet e levantou o cerco, embarcando com os homens e a artilharia que lhe restavam. Em redor dos muros, deixou prostrados mais de 3.000 mouros; dos feridos que recolheu, para cima de 500 pereceram na viagem e foram lançados ao mar; e das embarcações em que se foi, muitas teve de queimar por falta de quem as governasse e algumas outras tragaram-nas as águas.

Esclarece Diogo do Couto que o Rei de Achém fez «esta embarcação com tanta pressa, que não se soube senão depois de elle embarcado; e vendo a mercê que Nosso Senhor lhe fizera, foi o capitão *(D. Leóniz Pereira)* à Igreja dar-lhe muitas graças, e louvores, e o Patriarca, e o Bispo de Malaca, fizeram procissões solemnes, e deitaram sobre o povo que acudia muitas benções pontificais, com muytas lagrimas de alegria de todos, não merecendo elles menos, antes mais que todos os que pelejavam valorosamente; porque alem de andarem continuadamente pelos muros, e baluartes entre pelouros, e fogo animando a todos, também tinham suas horas de recolhimento em oração diante do Santissimo Sacramento, onde como Moyses com as mãos levantadas aos ceos moviam aquele peito Divino, a se apiedar dos nossos, e a lhes dar as victorias que alcançaram, porque estes Varões verdadeiramente eram apostolicos, e obrou nosso Senhor por elles alguns milagres...».

Luís de Camões, que foi amigo do Capitão da fortaleza, ilustre fidalgo da casa dos Condes da Feira, celebrou o feito em dois versos:

> Mais do que Leónidas fez em Grécia,
> O nobre Leóniz fez em Malaca!

Rendidas graças a Deus, D. Frei Jorge de Santa Luzia foi um dos que andaram, com o Capitão da fortaleza, a «correr os muros e baluartes, e aos capitães, e soldados abraçaram hum e hum, dando-lhes publico louvor de seu esforço, e valentia, e de sua parte os agradecimentos do muito que trabalharam».

Mais tarde, quando o Muzaffar Shah, sultão de Johore, visitou D. Leóniz Pereira para felicitá-lo pela sua grande vitória sobre os achéns, D. Frei Jorge de Santa Luzia compartilhou dos alegramentos de todos. O Capitão dirigiu-se ao cais a esperar o visitante e levou-o, no meio de um luzido esquadrão de soldados, à forlaleza, «até o terceiro sobrado da torre que Affonso de Albuquerque fez, e em huma varanda alcatifada de pannos de ouro, e sedas se assentaram em duas cadeiras, em que estiveram praticando um pedaço, estando em outras duas o Patriarca, e Bispo, que se acharam no recebimento, com que El Rey tambem teve muitos cumprimentos, e satisfações».

Com muita justiça se repartiram os louvores pelos que varonilmente haviam contribuído para os triunfos alcançados.

Afinal, o santo Bispo de Malaca era dos que sabiam, quando necessário, substituir a mitra pelo elmo, a sotaina pelo arnez e o breviário pela espada, indiferente aos pelouros que lhe assobiavam pelas orelhas...

À semelhança de Diogo do Couto, também Manuel de Faria e Sousa, na *A'sia Portuguesa*, não lhe regateia louvores, pondo em relevo que durante os combates muitos mereceram muito «e mais que todos os apostólicos varões D. Belchior Carneiro, jesuita, bispo de Niceia, e D. Jorge de Santa Luzia, dominico, *(bispo de Malaca)*, ambos com opinião de santos, que incessantemente andavam desde a igreja às muralhas, orando a Deus e servindo aos homens».

Bispos e soldados?... Arautos da paz e homens de guerra?...

— Pois que dúvida, se ainda então, naquele último quartel do século XVI, os bispos tinham alma de cruzados e o heroismo dos guerreiros portugueses, sendo ordenado à propagação da fé, era «serviço de Deus»?!

António Christo

O Julgamento de Eichmann

— Continuação da primeira página —

Eichmann não resolveu nenhum dos problemas que transcendem do acto em si, no que essencialmente o provocou e do que dele se pretendia resolver.

Ao serviço da guerra, das autodeterminações e das independências, não se distingue nem se extrema o bem do mal. Uma coisa e outra se confundiu e promiscuiu nas contendências desavindas, consequentes das disparidades e dos egoísmos dos homens, na sapidez de desmedidos interesses ou na revolta libertadora das sujeições.

Gerado o ódio as sociedades tendem a deprimirem-se e destruirem-se — na exigência violenta das revindictas — proclamando a fidelidade indeclinável ao que se serve, que num momento terrível arremessou os homens uns contra os outros

Infelizmente, a iniquidade ainda não conseguiu reablitar-se do foro humano, e, desastrosamente, vai-se agravando pelo decorrer dos tempos, em que os núcleos sociais se desajustam do conjunto do universal, desfraldando aos ventos da insânia a bandeira tremulante e aguerrida de prepotentes convicções, impiedosas e exterminadoras.

Uma grande tarefa está imposta à Humanidade — para promover o entendimento leal dos homens entre si, regenerando-os dos seus êrros, das suas deturpadas interpretações de desigualdade, tanto nas expressões sociais como nas morais e intelectuais, demovendo as suas idiossincrasias peculiares, para o integrar no conjunto idealista da pura ideia, que sublima a acção e angaria o estado de pureza, para as relações humanas, fazendo ressurgir em cada um quilo que possue de divino e que se conforma consigo e com os outros, pelo amor à vida e às vidas.

Infortunadamente, há muitos Eichmanns no mundo, que vivem impunes e que, profanando as leis do humano, são promotores e fautores de genocidios semelhantes aos que foram apontados ao nazi fanático, que nas suas afirmações finais procurou, da melhor maneira, redimir a misséria das suas atitudes e dos seus procedimentos.

Desgraçadamente, por infortúnio da Humanidade, o espírito de Eichmann — pelo que representa e simboliza — vive ainda... e continuará, não se sabe até quando, a viver no seio dela... porque os homens continuam na sua marcha pelo Mundo sem saberem evitar as imensas e tenebrosas noites que são as negruras fatídicas e angustiosas dos seus desatinos e dos seus pecados — consequência funesta dos seus deslumbramentos.

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado . . .	CENTRAL
Domingo . . .	MODERNA
2.ª feira . . .	A L A
3.ª feira . . .	M. CALADO
4.ª feira . . .	AVEIRENSE
5.ª feira . . .	S A Ú D E
9.ª feira . . .	OUDINOT

Corpo de Deus

Promovido pela Diocese e pela Irmandade do Santíssimo Sacramento da Sé, realizou-se na quinta-feira passada a festa litúrgica do Corpo de Deus.

Na Sé, houve missa solene, com homília, e adoração ao Santíssimo Sacramento, com sermão, aquela e esta muito concorridas de fiéis.

Realizou-se também a tradicional procissão, no fim da qual foi dada a bênção do Santíssimo Sacramento.

Todas as cerimónias se revestiram da possível pompa litúrgica — designadamente a procissão, que primou pela compostura e recolhimento, tendo-se incorporado nela o Clero, as Irmandades e as Associações Religiosas da cidade e das freguesias vizinhas, com largas representações, e ainda os Bombeiros, a Legião Portuguesa, os Escuteiros e os Seminaristas, e, em seguida ao pálio, as Autoridades, uma Banda de Música, as Religiosas de diversas Ordens, outras Associações locais e muito povo.

A procissão foi, pode dizer-se, imponente, sendo de esperar que em anos futuros se vão corrigindo algumas dificiências que se notaram, como importa ao reclamado esplendor da festa litúrgica que se celebra, à piedade dos fiéis e ao brio dos aveirenses.

Nas ruas do percurso, onde muita gente assistia à passagem da procissão, as janelas encontravam-se engalanadas com colchas de damasco.

Festa de confraternização

Anteontem, na sequência de uma tradição mantida ininterrupta nos últimos anos, realizou-se a quinta jornada de confraternização, entre o pessoal da firma A. J. Gonçalves de Moraes L.da, do Porto, e da Companhia Portuguesa de Celulose, que alternadamente se têm reunido em Cacia e naquela cidade.

Após uma visita a diversos sectores da fábrica, teve lugar um almoço de confraternização que reuniu a presença de mais de meia centena de convivas. Na mesa de honra tomaram lugar os srs. Dr. José Manuel Canavarro (que presidiu), Dr. José Carlos Ribeiro, Dr. Isolino Teixeira Viterbo e Eng.º Adelino Pedro Ferreira — todos da Celulose; os srs. David Ferreira, António Sardinha, Álvaro Ferreira e Guimarães Santos — da firma A. J. Gonçalves de Moraes.

Aos brindes, usaram da palavra os srs. Evaristo Gonzalez Queirós, da comissão promotora da festa, António Sardinha e Dr. José Manuel Canavarro, que salientaram o significado da reunião, e foram trocadas lembranças a assinalar a sua efectivação (miniaturas de um barco moliceiro e do célebre «Homem do Leme»).

Finalmente, em Aveiro, realizou-se um passeio de lancha pela Ria — até à zona onde se está a construir a Pousada.

Inspecção Militar

Foram afixados os editais respeitantes às inspecções militares deste ano, que terão início em 6 do próximo mês de Julho, no Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 10.

No primeiro dia devem comparecer 62 mancebos da freguesia da Vera-Cruz.

Focas no Jardim do Parque

A bordo do navio «Santa Mafalda», da Empresa de Pesca de Aveiro, vieram para esta cidade duas focas-bébé, originárias do Golfo de S. Lourenço, no Canadá, que foram oferecidas à Câmara Municipal.

Instalados no pequeno lago do Jardim do Parque do Infante D. Pedro, os simpáticos animais logo despertaram enorme curiosidade, atraindo ao recinto inúmos visitantes.

Infelizmente, por não se aclimatar à temperatura, morreu uma das focas — como, aliás, durante a viagem do «Santa Mafalda» sucedera com uma terceira, também destinada a vir para Aveiro.

O «Dia de Portugal» na Embaixada portuguesa do México

No dia 10 do corrente, o ilustre Embaixador de Portugal no México, nosso distinto conterrâneo e apreciado colaborador deste jornal Dr. Mário Duarte, solenizou o «Dia de Portugal» com uma brilhante recepção na Embaixada à colónia portuguesa.

A Imprensa mexicana deu grande relevo ao acontecimento, publicando em lugares de destaque circunstanciadas notícias, acompanhadas de expressivas palavras, sendo unânime nos encómios à fidalga hospitalidade dispensada pelo sr. Dr. Mário Duarte e sua gentilíssima esposa aos numerosos convidados.

O *Excelsor* diz: «Asistieron todas las familias lusitanas aquí radicadas, resultando así la fiesta más concurrida de cuantas celebraron en esta capital los residentes portugueses». *La Prensa* sublinha que «la recepción fue suntuosa y congregó, a personalidades de los círculos diplomáticos y oficiales de México, para celebrar el día de Portugal». E o diário *Novedades* acentua que «la celebración resultó magnifica y fue la mas concurrida de los últimos vinte años».

Tão desvanecedoras referências dão perfeita ideia da altura em que decorreu no México a patriótica memoração lusíada.

A CIDADE

Escolas Primárias

A Câmara Municipal de Aveiro adjudicou, por 147.050$00, o fornecimento de mobiliário destinado a várias escolas primárias do concelho.

Pelo Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo

Na passada quarta-feira, dia 20, tomou posse a Direcção do Grémio da Lavoura de Aveiro e I'lhavo, que é formada pelos anteriores elementos, recentemente reeleitos pelo Concelho Geral do referido Grémio.

O elenco é assim constituído:

Efectivos — Presidente — *Dr. Vítor Manuel Machado Gomes.* Tesoureiro — *Professor João de Pinho Brandão.* Secretário — *Silvério da Cruz Pericão.*

Substitutos — Presidente — *Eng.º agrónomo Manuel Simões Pontes.* Vogais — *José Vieira de Carvalho Seabra e António Rodrigues da Silva Gomes.*

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ *Em 14, para Viana do Castelo, saiu o lugre-motor* Jaime Silva, *em lastro.*

★ *Em 15, entrou a barra, vindo de Vigo, o navio-motor dinamarquês* Nordland Saga, *com bacalhau fresco; e saiu, para Bremerhaven, com farinha de peixe e filetes congelados, o navio-motor francês* Atlantique.

★ *Em 16, vindo de Setúbal, entrou o galeão-motor* Praia da Saúde, *com cimento; e sairam, para os bancos da Terra Nova e Setúbal, respectivamente, o navio-motor alemão* Mellum *e o arrastão bacalhoeiro* Bissaya Barreto.

★ *Em 17, para o Porto, saiu o galeão-motor* Praia da Saúde, *em lastro.*

Serviço de Exames

Na Escola do Magistério

Principiaram, na segunda-feira passada, os exames das oitenta e duas finalista da Escola do Magistério Primário Particular de Aveiro.

No Liceu

Iniciaram-se já os pontos escritos da primeira chamada dos exames do 1.º ciclo (2.º ano) e as provas Práticas de Ciências Físico-Químicas do 7.º ano do Liceu.

No dia 26, principiam as provas escritas dos exames do 5.º e do 7.º ano, de acordo com os horários superiormente determinados e afixados no átrio de entrada do Liceu.

As provas escritas da segunda chamada têm o início marcado para 3 de Julho, para todos os ciclos.

Festa das Finalistas do Magistério

Na penúltima sexta-feira, realizou-se a festa de despedida das oitenta e duas alunas finalistas da Escola do Magistério Primário Particular de Aveiro.

De manhã, na igreja da Vera-Cruz, Mons. Aníbal Ramos celebrou missa, proferindo uma expressiva homilia no momento próprio. Ainda naquele templo, e após o piedoso acto, realizou-se a tradicional benção das pastas, em cerimónia que se revestiu de grande beleza e elevado significado, sobretudo para as novas professoras.

Depois, no Restaurante Galo d'Ouro, efectuou-se um almoço de confraternização de todas as alunas da Escola do Magistério com os respectivos professores, tendo assistido a Directora daquele estabelecimento de ensino, sr.ª Dr.ª D. Maria Bértila Mendes, e o Director do Distrito Escolar, sr. professor Boaventura Pereira de Melo.

À tarde, no ginásio do Liceu, teve lugar a usual tarde recreativa que as alunas do primeiro ano oferecem às colegas finalistas. Houve a representação de uma peça teatral, recitativos, números musicais e orfeónicos, danças e variedades, decorrendo a festa com grande animação e interesse.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 23 — As sr.as D. Inês dos Santos Soares, esposa do sr. José Soares e a prof.ª D. Maria da Glória Matos; o Rev.º Padre Augusto Marques; os srs. Elíseo Ferreira dos Santos, António Cunha e João Baptista Duarte Moreira; o estudante Carlos Duarte, filho do sr. Sargento Carlos Rodrigues; e a menina Adália Rangel, filha do sr. António Joaquim da Cunha.

Amanhã, 24 — As sr.as Dr.ª D. Dulce Alves Souto, esposa do sr. Dr. Paulo Catarino, D. Charlotte Bouthomet Vieira Resende, D. Helena Martins Gamelas, esposa do sr. Dr. José Vieira Resende, esposa do sr. Laurindo de Jesus Gamelas, D. Maria Alice Bastos de Almeida, esposa do sr. João Dinis Marques da Costa, D. Maria José Fernandes e Santos, esposa do sr. António Fernando Marcela e Santos, ausente em Moçambique, e D. Maria do Rosário Máximo Guimarães; os srs. Jaime Gonçalves Andias e Mário da Silva Vieira; a menina Maria Teresa, filha do sr. Roby Marques de Almeida; e o menino João Carlos Matos Pereira, filho do sr. Carlos Alberto Luís Pereira.

Em 25 — As sr.as D. Maria Estudante da Rocha, D. Aurora das Dores Salgado, esposa do sr. Sargento-ajudante Sub-chefe de Música João António Salgado, e D. Maria Luísa de Melo Ramos, esposa do sr. José de Melo; e as meninas Maria da Graça Pereira Campos Amorim, filha do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, Ascensão Ferreira Martins, filha do sr. José Martins, e Lídia Jerónimo Marques, filha do sr. Manuel da Fonseca Marques.

Em 26 — As sr.as D. Maria de Lourdes Moreira Henriques, esposa do sr. Eng.º António Máximo Gaioso Henriques, e D. Maria da Soledade Pereira da Cruz de Vilhena, esposa do sr. Pedro Paulo Vilhena; os srs. Arlindo Martins Bastos e Manuel Monteiro Miranda; e as meninas Aldina Túlia Figueiredo Longo, filha do sr. José Augusto Farias Longo, Maria Eneida Gonçalves Martins, filha do sr. Henrique Nunes Martins, ausente em Luanda, e Maria Guilhermina Osório Saraiva, filha do saudoso Aníbal Saraiva.

Em 27 — As sr.as D. Maria Luísa Salgueiro Lopes Silva, esposa do sr. Capitão Júlio Silva, e Dr.ª D. Carolina Augusta de Albuquerque da Silva Matos, esposa do sr. Dr. Américo da Silva Matos; o sr. José Pereira Lopes da Silva; a menina Maria da Luz Azevedo Alves Novo, filha do sr. Augusto Alves do Novo Júnior; e o estudante Fernando Manuel Alves Maia do Miguel, filho do sr. Germano Simões Maia do Miguel.

Em 28 — As sr.as D. Maria Helena Sobreiro Vidal e D. Maria de Fátima Barata Freire de Lima; os srs. D. Sebastião Pedro de Lemos Manoel [illegible] e Vinício Rodrigues Pere[illegible] menino João Manuel Osório [illegible] filho do saudoso Aníbal [illegible].

Em 29 — A[illegible] D. Joaquina Caldeira Brás [illegible] esposa do sr. António Dinis [illegible] da Costa Praça de Al[illegible] esposa do sr. Henrique P[illegible] de Almeida, D. Gracinda [illegible] dos Reis, esposa do Jo[illegible], e D. Maria da Conc[illegible] Pinheiro da Costa; os sr[illegible] Severiano Ferreira Neve[illegible] Eduardo da Cunha, Fr[illegible] Costa, José dos Santos [illegible], Armindo Faustino Rodr[illegible] e Manuel Moreira [illegible] e sua filha, menina [illegible] Isabel; a menina Manu[illegible] da Cunha, filha do sr. A[illegible] Cunha; e os meninos Antó[illegible], filho do sr. Major Pint[illegible] Amaral, José Pedro da Co[illegible] Roque, filho do sr. Amade[illegible], e António Pedro Ve[illegible] Santos, filho do sr. Eng.º [illegible] Vendrell Santos.

DOENTES

★ Tem me[illegible] consideràvelmente dos [illegible] padecimentos o nosso bo[illegible] sr. Eng.º Humberto M[illegible] Guerreiro, distinto técnic[illegible] de Estudos dos C. T[illegible]

★ Não tem [illegible] de boa saúde o nosso amigo sr. António das Neves Mateus.

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento

PROMOÇÃO

Foi recentemente promovido ao seu actual posto o nosso distinto conterrâneo sr. Major Augusto Soares Pinheiro, em serviço no Ultramar.

As nossas felicitações.

D. Maria da Conceição Resende

Abel Resende e mais família de D. Maria da Conceição Resende vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se associaram à sua dor e a quantos acompanharam a saudosa extinta à sua última morada.

Aveiro, 18 de Junho de 1962

Desportos

Continuações da última página

FUTEBOL

barra e que o defesa Girão a afastou sem que ela tenha ultrapassado a linha de golo; a jogada foi rápida, e, evidentemente, estando bem colocado, o árbitro teve ensejo de julgar convenientemente.

Já na segunda jogada, também num imparável remate de Teixeira, iam decorridos 80 m., pareceu-nos que não foi boa a decisão do *refree* (aliás, o sr. Clemente Henriques firmou-se em indicação do seu auxiliar sr. Armando Faria): quanto a nós, não houve motivo algum para anulação do tento dos bracarenses — que lhes daria jus a uma igualdade que bem mereciam a premiar o entusiasmo e o empenho com que se bateram.

●

Mas, para a história, o que ficou foi o 1-0... — resultado que ofereceu ao Beira-Mar um êxito grandemente precioso.

●

Em nota final, um apontamento ainda, para referir que os derradeiros dez minutos foram jogados em toada demasiado rude, com os nervos a descomandarem nitidamente os futebolistas — uns, defendendo o triunfo, e outros, procurando igualar os números. A luta foi de sacrifício notório, com muitos elementos esgotados fisicamente: foi um fecho de sofrimento e dramático!

●

Na turma beiramarense, evidenciaram-se: MARÇAL — brilhante nos cortes, incansável e oportuno nas dobras, e com excelente sentido posicional e de entrega da bola; BASTOS — seguro, arrojado e elástico num punhado de intervenções que puseram à prova a sua classe; EVARISTO e VALENTE — ambos apenas no capítulo de destruição, combatividade e aplicação; e MIGUEL — o mais esclarecido dos dianteiros.

GIRÃO sentiu grandes dificuldades e MOREIRA conseguiu cumprir. Dos restantes negro-amarelos, CHAVES foi infeliz e jogou a passo; AZEVEDO desenvolveu trabalho esgotante e esteve aplicado; DIEGO fez um golo, teve alguns lampejos, mas ficou aquém do nível ùltimamente atingido; e GARCIA surgiu-nos descrente de si próprio, das suas qualidades reais que todos lhe reconhecemos e que todos desejávamos ver produzir os ambicionados frutos. O conhecido futebolista dá mesmo a impressão de andar desinteressado, contrafeito... — e, assim, não poderá ser útil, como era preciso que fosse...

●

No conjunto dos arsenalistas bracarenses, melhores foram: NARCISO — um *stopper* autoritário, que mandou na sua zona e anulou os fulcros do ataque beiramarense; ARMANDO — em trabalho permanente, na esgotante missão de elo entre a defesa e o ataque: e todo o sector dianteiro, com relevo para TEIXEIRA, RAFAEL e PALMEIRA — que foi inquietante preocupação para a defensiva aveirense.

●

O portuense Clemente Henriques não esteve inteiramente feliz. Além de alguns enganos pouco admissíveis em faltas assinaladas ao contrário, pareceu-nos que errou grandemente no segundo golo que invalidou aos minhotos — influindo, assim, de forma notória no desfecho final, que adulterou.

ANDEBOL

Macedo 2, José António 9, Brito, Florêncio 2, Pinho e João.

Beira-Mar — Maia, Pompílio 3, Lé 2, Alfarelos 6, Picado 2, Domingos Cerqueira, Gamelas 4, António Cerqueira 5 e Luís Olinto.

1.ª parte: 13-11, 2.ª parte: 9-15.

Para o elevado número de golos de ambos os grupos contribuiram decisivamente os *keepers* — inexperiente, o da Escola Livre, e lesionado, o do Beira-Mar.

Movimentação constante no marcador — com inúmeras alternativas no comando do *score* — deram à partida um cunho de muito interesse, já que oliveirenses e beiramarenses jogaram em boa velocidade e abertamente.

O triunfo dos negros-amarelos foi merecido.

XADREZ DE NOTÍCIAS

O categorizado stopper *e «capitão» do Beira-Mar, Liberal, regressou aos treinos de futebol, em regime de adaptação, após um longo período de afastamento, por doença.*

Amanhã, com início às 14 horas, realiza-se no Campo de S. Geraldo, na Fogueira, uma gincana de automóveis — cuja receita reverterá em benefício das obras de construção da Pista de Ciclismo da Bairrada.

Serão disputadas valiosas taças e outros prémios.

Na próxima segunda-feira, e integrado nas festas de Nossa Senhora da Penha de França, efectua-se na Vista-Alegre, pelas 18.30 horas, um desafio amigável entre o Sporting da Vista-Alegre e o Benfica.

Pelo grupo ilhavense — que anteontem se treinou em Aveiro, defrontando o Beira-Mar — alinharam, como reforços alguns elemenros de outras colectividades, entre eles os beiramarenses Amândio, Ribeiro, Paulino, Calisto, Correia e Raimundo.

Anteontem, à tarde, nesta cidade, efectuou-se o jogo de andebol de sete de desempate para atribuição do segundo lugar do Campeonato Distrital de Juniores, defrontando-se o Atlético Vareiro e o Sporting de Espinho.

Ganharam os ovarenses, por 11-8 (3-6 ao intervalo), qualificando-se para o Campeonato Nacional — com o Beira-Mar — se a prova se efectuar nos moldes previstos.

Nos jogos de futebol da Taça Ribeiro dos Reis, *no último domingo, os grupos do Distrito alcançaram estes desfechos:*

Espinho, 1-Vianense, 3
Sanjoanense, 0-Covilhã, 2
Peniche, 1-Oliveirense, 1

Amanhã, jogam: Salgueiros-Espinho, Oliveirense-Marinhense e Sanjoanense-Peniche.

Na turma que o Feirense deslocou à Madeira, seguiram, emprestados, os futebolistas Vasconcelos e Morais, do F. C. do Porto.

Entretanto, e após assegurarem o concurso do treinador Rui Araújo, os feirenses pensam em reforços para a sua turma. Fala-se desde já, no brasileiro Carlos Alberto, do Atlético, considerado certo no team, *e afirma-se que o Feirense está interessado nalguns beiramarenses — nomeadamente em Paulino.*

Carvalho, dianteiro do Marialvas, e um promissor avançado (junior) do Ginásio Figueirense treinaram no Estádio de Mário Duarte, em vista a um possível ingresso no Beira-Mar na próxima época.

Em 1 de Julho próximo, pelas 15 horas, em organização do Clube Desportivo de Estarreja, vai ser levada a efeito a I Prova de Perícia Automóvel de Estarreja.

Haverá, também, demonstrações de «Karting».

Duarte & Martinho, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de onze de Junho de mil novecentos e sessenta e dois, lavrada de folhas oitenta a folhas oitenta e duas, do livro B-vinte e cinco, para escrituras diversas do arquivo do Segundo Cartório Notarial de Aveiro, a cargo do Notário Doutor António Rodrigues, foi constituída uma sociedade por quotas entre Alfredo Linguarda Duarte e Manuel Gonçalves Martinho, nos termos dos artigos seguintes:

— PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «DUARTE & MARTINHO, LIMITADA», tem a sua sede em Aveiro, e durará por tempo indeterminado, a contar de um do próximo mês de Julho;

SEGUNDO — O seu objecto é o comércio de ferragens, cutelarias e seus derivados, ou qualquer outro que a sociedade resolva explorar e para que não seja precisa autorização especial;

TERCEIRO — O capital social é de cincoenta mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro, correspondente à soma de duas quotas de vinte e cinco mil escudos pertencendo uma a cada sócio;

QUARTO — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, podendo, porém, qualquer dos sócios fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, nas condições em que acordarem e que constem das respectivas actas;

QUINTO — Todos os sócios são gerentes, sem remuneração e sem caução, e a sociedade será representada, em juizo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer deles.

PARÁGRAFO ÚNICO — Para que a sociedade fique obrigada são indispensáveis as assinaturas de dois sócios.

Os actos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer deles.

SEXTO — A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios, usando a sociedade, em primeiro lugar, e qualquer dos sócios, em segundo lugar, da faculdade de preferência quando se pretenda ceder a um estranho;

SÉTIMO — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência;

OITAVO — O falecimento ou a interdição de qualquer dos sócios não opera a dissolução da sociedade, podendo os seus herdeiros ou representantes continuar na sociedade, mas representados sòmente por um deles;

NONO — Os balanços e contas fechar-se-ão no dia trinta e um de Dezembro de cada ano. Dos lucros líquidos apurados serão deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva, sendo os restantes divididos pelos sócios, na proporção das suas quotas.

É certidão narrativa completa que extraí do próprio original a que me reporto.

Na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, Secretaria Notarial, dezanove de Junho de mil novecentos e sessenta e dois.

O ajudante,

Raúl Ferreira de Andrade

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	CENTRAL
Domingo . . .	MODERNA
2.ª feira . . .	A L A
3.ª feira . . .	M. CALADO
4.ª feira . . .	AVEIRENSE
5.ª feira . . .	S A Ú D E
9.ª feira . . .	OUDINOT

Corpo de Deus

Promovido pela Diocese e pela Irmandade do Santíssimo Sacramento da Sé, realizou-se na quinta-feira passada a festa litúrgica do Corpo de Deus.

Na Sé, houve missa solene, com homilia, e adoração ao Santíssimo Sacramento, com sermão, aquela e esta muito concorridas de fiéis.

Realizou-se também a tradicional procissão, no fim da qual foi dada a bênção do Santíssimo Sacramento.

Todas as cerimónias se revestiram da possível pompa litúrgica — designadamente a procissão, que primou pela compostura e recolhimento, tendo-se incorporado nela o Clero, as Irmandades e as Associações Religiosas da cidade e das freguesias vizinhas, com largas representações, e ainda os Bombeiros, a Legião Portuguesa, os Escuteiros e os Seminaristas, e, em seguida ao pálio, as Autoridades, uma Banda de Música, as Religiosas de diversas Ordens, outras Associações locais e muito povo.

A procissão foi, pode dizer-se, imponente, sendo de esperar que em anos futuros se vão corrigindo algumas dificiências que se notaram, como importa ao reclamado esplendor da festa litúrgica que se celebra, à piedade dos fiéis e ao brio dos aveirenses.

Nas ruas do percurso, onde muita gente assistia à passagem da procissão, as janelas encontravam-se engalanadas com colchas de damasco.

Festa de confraternização

Anteontem, na sequência de uma tradição mantida ininterrupta nos últimos anos, realizou-se a quinta jornada de confraternização, entre o pessoal da firma A. J. Gonçalves de Moraes L.da, do Porto, e da Companhia Portuguesa de Celulose, que alternadamente se têm reunido em Cacia e naquela cidade.

Após uma visita a diversos sectores da fábrica, teve lugar um almoço de confraternização que reuniu a presença de mais de meia centena de convivas. Na mesa de honra tomaram lugar os srs. Dr. José Manuel Canavarro (que presidiu), Dr. José Carlos Ribeiro, Dr. Isolino Teixeira Viterbo e Eng.º Adelino Pedro Ferreira — todos da Celulose; os srs. David Ferreira, António Sardinha, Álvaro Ferreira e Guimarães Santos — da firma A. J. Gonçalves de Moraes.

Aos brindes, usaram da palavra os srs. Evaristo Gonzalez Queirós, da comissão promotora da festa, António Sardinha e Dr. José Manuel Canavarro, que salientaram o significado da reunião, e foram trocadas lembranças a assinalar a sua efectivação (miniaturas de um barco moliceiro e do célebre «Homem do Leme»).

Finalmente, em Aveiro, realizou-se um passeio de lancha pela Ria — até à zona onde se está a construir a Pousada.

Inspecção Militar

Foram afixados os editais respeitantes às inspecções militares deste ano, que terão início em 6 do próximo mês de Julho, no Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 10.

No primeiro dia devem comparecer 62 mancebos da freguesia da Vera-Cruz.

Focas no Jardim do Parque

A bordo do navio «Santa Mafalda», da Empresa de Pesca de Aveiro, vieram para esta cidade duas focas-bébé, originárias do Golfo de S. Lourenço, no Canadá, que foram oferecidas à Câmara Municipal.

Instalados no pequeno lago do Jardim do Parque do Infante D. Pedro, os simpáticos animais logo despertaram enorme curiosidade, atraindo ao recinto inúmos visitantes.

Infelizmente, por não se aclimatar à temperatura, morreu uma das focas — como, aliás, durante a viagem do «Santa Mafalda» sucedera com uma terceira, também destinada a vir para Aveiro.

O «Dia de Portugal» na Embaixada portuguesa do México

No dia 10 do corrente, o ilustre Embaixador de Portugal no México, nosso distinto conterrâneo e apreciado colaborador deste jornal Dr. Mário Duarte, solenizou o «Dia de Portugal» com uma brilhante recepção na Embaixada à colónia portuguesa.

A Imprensa mexicana deu grande relevo ao acontecimento, publicando em lugares de destaque circunstanciadas notícias, acompanhadas de expressivas palavras, sendo unânime nos encómios à fidalga hospitalidade dispensada pelo sr. Dr. Mário Duarte e sua gentilíssima esposa aos numerosos convidados.

O *Excelsor* diz: «Asistieron todas las familias lusitanas aquí radicadas, resultando así la fiesta más concurrida de cuantas celebraron en esta capital los residentes portugueses». *La Prensa* sublinha que «la recepción fue suntuosa y congregó, a personalidades de los círculos diplomáticos y oficiales de México, para celebrar el día de Portugal». E o diário *Novedades* acentua que «la celebración resultó magnifica y fue la mas concurrida de los últimos vinte años».

Tão desvanecedoras referências dão perfeita ideia da altura em que decorreu no México a patriótica memoração lusíada.

A CIDADE

Escolas Primárias

A Câmara Municipal de Aveiro adjudicou, por 147.050$00, o fornecimento de mobiliário destinado a várias escolas primárias do concelho.

Pelo Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo

Na passada quarta-feira, dia 20, tomou posse a Direcção do Grémio da Lavoura de Aveiro e I'lhavo, que é formada pelos anteriores elementos, recentemente reeleitos pelo Concelho Geral do referido Grémio.

O elenco é assim constituído:

Efectivos — Presidente — *Dr. Vitor Manuel Machado Gomes.* Tesoureiro — *Professor João de Pinho Brandão.* Secretário — *Silvério da Cruz Pericão.*

Substitutos — Presidente — *Eng.º agrónomo Manuel Simões Pontes.* Vogais — *José Vieira de Carvalho Seabra e António Rodrigues da Silva Gomes.*

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ *Em 14, para Viana do Castelo, saiu o lugre-motor* Jaime Silva, *em lastro.*

★ *Em 15, entrou a barra, vindo de Vigo, o navio-motor dinamarquês* Nordland Saga, *com bacalhau fresco; e saiu, para Bremerhaven, com farinha de peixe e filetes congelados, o navio-motor francês* Atlantique.

★ *Em 16, vindo de Setúbal, entrou o galeão-motor* Praia da Saúde, *com cimento; e sairam, para os bancos da Terra Nova e Setúbal, respectivamente, o navio-motor alemão* Mellum *e o arrastão bacalhoeiro* Bissaya Barreto.

★ *Em 17, para o Porto, saiu o galeão-motor* Praia da Saúde, *em lastro.*

Serviço de Exames

Na Escola do Magistério

Principiaram, na segunda-feira passada, os exames das oitenta e duas finalista da Escola do Magistério Primário Particular de Aveiro.

No Liceu

Iniciaram-se já os pontos escritos da primeira chamada dos exames do 1.º ciclo (2.º ano) e as provas Práticas de Ciências Físico-Químicas do 7.º ano do Liceu.

No dia 26, principiam as provas escritas dos exames do 5.º e do 7.º ano, de acordo com os horários superiormente determinados e afixados no átrio de entrada do Liceu.

As provas escritas da segunda chamada têm o início marcado para 3 de Julho, para todos os ciclos.

Festa das Finalistas do Magistério

Na penúltima sexta-feira, realizou-se a festa de despedida das oitenta e duas alunas finalistas da Escola do Magistério Primário Particular de Aveiro.

De manhã, na igreja da Vera-Cruz, Mons. Aníbal Ramos celebrou missa, proferindo uma expressiva homilia no momento próprio. Ainda naquele templo, e após o piedoso acto, realizou-se a tradicional benção das pastas, em cerimónia que se revestiu de grande beleza e elevado significado, sobretudo para as novas professoras.

Depois, no Restaurante Galo d'Ouro, efectuou-se um almoço de confraternização de todas as alunas da Escola do Magistério com os respectivos professores, tendo assistido a Directora daquele estabelecimento de ensino, sr.ª Dr.ª D. Maria Bértila Mendes, e o Director do Distrito Escolar, sr. professor Boaventura Pereira de Melo.

À tarde, no ginásio do Liceu, teve lugar a usual tarde recreativa que as alunas do primeiro ano oferecem às colegas finalistas. Houve a representação de uma peça teatral, recitativos, números musicais e orfeónicos, danças e variedades, decorrendo a festa com grande animação e interesse.

cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 23 — As sr.as D. Inês dos Santos Soares, esposa do sr. José Soares e a prof.ª D. Maria da Glória Matos; o Rev.º Padre Augusto Marques; os srs. Elíseo Ferreira dos Santos, António Cunha e João Baptista Duarte Moreira; o estudante Carlos Duarte, filho do sr. Sargento Carlos Rodrigues; e a menina Adália Rangel, filha do sr. António Joaquim da Cunha.

Amanhã, 24 — As sr.as Dr.ª D. Dulce Alves Souto, esposa do sr. Dr. Paulo Catarino, D. Charlotte Bouthomet Vieira Resende, D. Helena Martins Gamelas, esposa do sr. Dr. José Vieira Resende, esposa do sr. Laurindo de Jesus Gamelas, D. Maria Alice Bastos de Almeida, esposa do sr. João Dinis Marques da Costa, D. Maria José Fernandes e Santos, esposa do sr. António Fernando Marcela e Santos, ausente em Moçambique, e D. Maria do Rosário Máximo Guimarães; os srs. Jaime Gonçalves Andias e Mário da Silva Vieira; a menina Maria Teresa, filha do sr. Roby Marques de Almeida; e o menino João Carlos Matos Pereira, filho do sr. Carlos Alberto Luís Pereira.

Em 25 — As sr.as D. Maria Estudante da Rocha, D. Aurora das Dores Salgado, esposa do sr. Sargento-ajudante Sub-chefe de Música João António Salgado, e D. Maria Luísa de Melo Ramos, esposa do sr. José de Melo; e as meninas Maria da Graça Pereira Campos Amorim, filha do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, Ascensão Ferreira Martins, filha do sr. José Martins, e Lídia Jerónimo Marques, filha do sr. Manuel da Fonseca Marques.

Em 26 — As sr.as D. Maria de Lourdes Moreira Henriques, esposa do sr. Eng.º António Máximo Gaioso Henriques, e D. Maria da Soledade Pereira da Cruz de Vilhena, esposa do sr. Pedro Paulo Vilhena; os srs. Arlindo Martins Bastos e Manuel Monteiro Miranda; e as meninas Aldina Túlia Figueiredo Longo, filha do sr. José Augusto Farias Longo, Maria Eneida Gonçalves Martins, filha do sr. Henrique Nunes Martins, ausente em Luanda, e Maria Guilhermina Osório Saraiva, filha do saudoso Aníbal Saraiva.

Em 27 — As sr.as D. Maria Luísa Salgueiro Lopes Silva, esposa do sr. Capitão Júlio Silva, e Dr.ª D. Carolina Augusta de Albuquerque da Silva Matos, esposa do sr. Dr. Américo da Silva Matos; o sr. José Pereira Lopes da Silva; a menina Maria da Luz Azevedo Alves Novo, filha do sr. Augusto Alves do Novo Júnior; e o estudante Fernando Manuel Alves Maia do Miguel, filho do sr. Germano Simões Maia do Miguel.

Em 28 — As sr.as D. Maria Helena Sobreiro Vidal e D. Maria de Fátima Barata Freire de Lima; os srs. D. Sebastião Pedro de Lemos Manoel (...) e Vinício Rodrigues Pere(...) menino João Manuel Osório (...) filho do saudoso Aníbal (...).

Em 29 — As D. Joaquina Caldeira Brás (...) esposa do sr. António Dinis (...) da Costa Praça de Al(...) esposa do sr. Henrique P(...) de Almeida, D. Gracinda (...) dos Reis, esposa do Jo(...) e D. Maria da Conc(...) Pinheiro da Costa; os srs. Severiano Ferreira Neve(...) Eduardo da Cunha, Fr(...) Costa, José dos Santos (...) Armindo Faustino Rod(...) e Manuel Moreira (...) e sua filha, menina (...) Isabel; a menina Manu(...) da Cunha, filha do sr. A(...) Cunha; e os meninos Ant(...) filho do sr. Major Pi(...) Amaral, José Pedro da Cos(...) Roque, filho do sr. Amade(...) e António Pedro Ve(...) Santos, filho do sr. Eng.º (...) Vendrell Santos.

DOENTES

★ Tem me(...) consideràvelmente dos (...) padecimentos o nosso bom (...) sr. Eng.º Humberto M(...) Guerreiro, distinto técnic(...) Grupo de Estudos dos C. T.

★ Não tem (...) de boa saúde o nosso amigo sr. António das Neves Mateus.

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento

PROMOÇÃO

Foi recentemente promovido ao seu actual posto o nosso distinto conterrâneo sr. Major Augusto Soares Pinheiro, em serviço no Ultramar.

As nossas felicitações.

D. Maria da Conceição Resende

Abel Resende e mais família de D. Maria da Conceição Resende vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se associaram à sua dor e a quantos acompanharam a saudosa extinta à sua última morada.

Aveiro, 18 de Junho de 1962

Desportos

Continuações da última página

FUTEBOL

barra e que o defesa Girão a afastou sem que ela tenha ultrapassado a linha de golo; a jogada foi rápida, e, evidentemente, estando bem colocado, o árbitro teve ensejo de julgar convenientemente.

Já na segunda jogada, também num imparável remate de Teixeira, iam decorridos 80 m., pareceu-nos que não foi boa a decisão do *refree* (aliás, o sr. Clemente Henriques firmou-se em indicação do seu auxiliar sr. Armando Faria): quanto a nós, não houve motivo algum para anulação do tento dos bracarenses — que lhes daria jus a uma igualdade que bem mereciam a premiar o entusiasmo e o empenho com que se bateram.

●

Mas, para a história, o que ficou foi o 1-0... — resultado que ofereceu ao Beira-Mar um êxito grandemente precioso.

●

Em nota final, um apontamento ainda, para referir que os derradeiros dez minutos foram jogados em toada demasiado rude, com os nervos a descomandarem nìtidamente os futebolistas — uns, defendendo o triunfo, e outros, procurando igualar os números. A luta foi de sacrifício notório, com muitos elementos esgotados fìsicamente: foi um fecho de sofrimento e dramático!

●

Na turma beiramarense, evidenciaram-se: MARÇAL — brilhante nos cortes, incansável e oportuno nas dobras, e com excelente sentido posicional e de entrega da bola; BASTOS — seguro, arrojado e elástico num punhado de intervenções que puseram à prova a sua classe; EVARISTO e VALENTE — ambos apenas no capítulo de destruição, combatividade e aplicação; e MIGUEL — o mais esclarecido dos dianteiros.

GIRÃO sentiu grandes dificuldades e MOREIRA conseguiu cumprir. Dos restantes negro-amarelos, CHAVES foi infeliz e jogou a passo; AZEVEDO desenvolveu trabalho esgotante e esteve aplicado; DIEGO fez um golo, teve alguns lampejos, mas ficou aquém do nível ùltimamente atingido; e GARCIA surgiu-nos descrente de si próprio, das suas qualidades reais que todos lhe reconhecemos e que todos desejávamos ver produzir os ambicionados frutos. O conhecido futebolista dá mesmo a impressão de andar desinteressado, contrafeito... — e, assim, não poderá ser útil, como era preciso que fosse...

●

No conjunto dos arsenalistas bracarenses, melhores foram: NARCISO — um *stopper* autoritário, que mandou na sua zona e anulou os fulcros do ataque beiramarense; ARMANDO — em trabalho permanente, na esgotante missão de elo entre a defesa e o ataque: e todo o sector dianteiro, com relevo para TEIXEIRA, RAFAEL e PALMEIRA — que foi inquietante preocupação para a defensiva aveirense.

●

O portuense Clemente Henriques não esteve inteiramente feliz. Além de alguns enganos pouco admissíveis em faltas assinaladas ao contrário, pareceu-nos que errou grandemente no segundo golo que invalidou aos minhotos — influindo, assim, de forma notória no desfecho final, que adulterou.

ANDEBOL

Macedo 2, José António 9, Brito, Florêncio 2, Pinho e João.

Beira-Mar — Maia, Pompílio 3, Lé 2, Alfarelos 6, Picado 2, Domingos Cerqueira, Gamelas 4, António Cerqueira 5 e Luís Olinto.

1.ª parte: 13-11. 2.ª parte: 9-15.

Para o elevado número de golos de ambos os grupos contribuiram decisivamente os *keepers* — inexperiente, o da Escola Livre, e lesionado, o do Beira-Mar.

Movimentação constante no marcador — com inúmeras alternativas no comando do *score* — deram à partida um cunho de muito interesse, já que oliveirenses e beiramarenses jogaram em boa velocidade e abertamente.

O triunfo dos negros-amarelos foi merecido.

XADREZ DE NOTÍCIAS

O categorizado stopper *e «capitão» do Beira-Mar, Liberal, regressou aos treinos de futebol, em regime de adaptação, após um longo período de afastamento, por doença.*

Amanhã, com início às 14 horas, realiza-se no Campo de S. Geraldo, na Fogueira, uma gincana de automóveis — cuja receita reverterá em benefício das obras de construção da Pista de Ciclismo da Bairrada.

Serão disputadas valiosas taças e outros prémios.

Na próxima segunda-feira, e integrado nas festas de Nossa Senhora da Penha de França, efectua-se na Vista-Alegre, pelas 18.30 horas, um desafio amigável entre o Sporting da Vista-Alegre e o Benfica.

Pelo grupo ilhavense — que anteontem se treinou em Aveiro, defrontando o Beira-Mar — alinharam, como reforços alguns elemenros de outras colectividades, entre eles os beiramarenses Amândio, Ribeiro, Paulino, Calisto, Correia e Raimundo.

Anteontem, à tarde, nesta cidade, efectuou-se o jogo de andebol de sete de desempate para atribuição do segundo lugar do Campeonato Distrital de Juniores, defrontando-se o Atlético Vareiro e o Sporting de Espinho.

Ganharam os ovarenses, por 11-8 (3-6 ao intervalo), qualificando-se para o Campeonato Nacional — com o Beira-Mar — se a prova se efectuar nos moldes previstos.

Nos jogos de futebol da Taça Ribeiro dos Reis, *no último domingo, os grupos do Distrito alcançaram estes desfechos:*

Espinho, 1-Vianense, 3
Sanjoanense, 0-Covilhã, 2
Peniche, 1-Oliveirense, 1

Amanhã, jogam: Salgueiros-Espinho, Oliveirense-Marinhense e Sanjoanense-Peniche.

Na turma que o Feirense deslocou à Madeira, seguiram, emprestados, os futebolistas Vasconcelos e Morais, do F. C. do Porto.

Entretanto, e após assegurarem o concurso do treinador Rui Araújo, os feirenses pensam em reforços para a sua turma. Fala-se desde já, no brasileiro Carlos Alberto, do Atlético, considerado certo no team, *e afirma-se que o Feirense está interessado nalguns beiramarense — nomeadamente em Paulino.*

Carvalho, dianteiro do Marialvas, e um promissor avançado (junior) do Ginásio Figueirense treinaram no Estádio de Mário Duarte, em vista a um possível ingresso no Beira-Mar na próxima época.

Em 1 de Julho próximo, pelas 15 horas, em organização do Clube Desportivo de Estarreja, vai ser levada a efeito a I Prova de Perícia Automóvel de Estrreja.

Haverá, também, demonstrações de «Karting».

Duarte & Martinho, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de onze de Junho de mil novecentos e sessenta e dois, lavrada de folhas oitenta a folhas oitenta e duas, do livro B-vinte e cinco, para escrituras diversas do arquivo do Segundo Cartório Notarial de Aveiro, a cargo do Notário Doutor António Rodrigues, foi constituída uma sociedade por quotas entre Alfredo Linguarda Duarte e Manuel Gonçalves Martinho, nos termos dos artigos seguintes:

— PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «DUARTE & MARTINHO, LIMITADA», tem a sua sede em Aveiro, e durará por tempo indeterminado, a contar de um do próximo mês de Julho;

SEGUNDO — O seu objecto é o comércio de ferragens, cutelarias e seus derivados, ou qualquer outro que a sociedade resolva explorar e para que não seja precisa autorização especial;

TERCEIRO — O capital social é de cincoenta mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro, correspondente à soma de duas quotas de vinte e cinco mil escudos pertencendo uma a cada sócio;

QUARTO — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, podendo, porém, qualquer dos sócios fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, nas condições em que acordarem e que constem das respectivas actas;

QUINTO — Todos os sócios são gerentes, sem remuneração e sem caução, e a sociedade será representada, em juizo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer deles.

PARÁGRAFO ÚNICO — Para que a sociedade fique obrigada são indispensáveis as assinaturas de dois sócios.

Os actos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer deles.

SEXTO — A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios, usando a sociedade, em primeiro lugar, e qualquer dos sócios, em segundo lugar, da faculdade de preferência quando se pretenda ceder a um estranho;

SÉTIMO — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência;

OITAVO — O falecimento ou a interdição de qualquer dos sócios não opera a dissolução da sociedade, podendo os seus herdeiros ou representantes continuar na sociedade, mas representados sòmente por um deles;

NONO — Os balanços e contas fechar-se-ão no dia trinta e um de Dezembro de cada ano. Dos lucros líquidos apurados serão deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva, sendo os restantes divididos pelos sócios, na proporção das suas quotas.

É certidão narrativa completa que extraí do próprio original a que me reporto.

Na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, Secretaria Notarial, dezanove de Junho de mil novecentos e sessenta e dois.

O ajudante,
Raúl Ferreira de Andrade

A Mensagem do Lusíada António Nobre

Continuação da primeira página

socalcos; a terra é escassa; o lavrador leva-a na palma, construindo ele próprio o chão, aos bocados, penosamente, para depois plantar a videira. A pouca distância desses ásperos jardins está o mar bravo. Aí o português dá a mais ampla e histórica medida da sua têmpera. A costa de águas encapeladas afeiçoou a nação à familiaridade com os perigos; e foi precisamente a saudade desse mar-bravo que pôs acentos anunciadores na boca de António Nobre desterrado:

Georges, anda ver meu País de marinheiros!
O meu País das naus, de esquadras e de frotas!

Quando António Nobre começou a escrever versos no Porto, aos quinze anos, em 1882, o pessimismo era pois a atmosfera que se respirava em Portugal. A tal ponto que superiores espíritos, como Antero de Quental e Oliveira Martins, achavam que a Nação teria mais feliz, mais coerente com os destinos da Península, se houvesse continuado com Castela. Na arte predominava um pendor mórbido para as imagens funéreas, as visões macabras, «poescas», as atitudes «demoníacas», «baudelairianas». Se Cesário Verde já procurava reagir contra esse esteticismo dissolvente, pela introdução das coisas naturais na poesia, ainda assim não podia escapar ao ar de renúncia que a tudo se comunicava.

Pouco depois, ao chegar a Coimbra para iniciar o curso de Direito, aos vinte e um anos, Nobre era um rapaz elegante, um pouco excêntrico no trajar. *«Já à volta do seu nome* — conta Alberto de Oliveira — *se formavam lendas e anedotas. As modificações engraçadas que introduzira na capa e na batina, o gorro clássico, desusado por arcaico e que na sua cabeça anelada se reabilitara instantâneamente, parecendo atrevida carapuça de campino ou poveiro, os seus livros de aula, encadernados a rouge et noir, como o título estranho de Stendhal — tudo me atraía para ele».*

O poeta exerceu desde logo sobre os rapazes da Universidade uma extraordinária sedução. Seus modos de *dandy*, suas roupas, suas leituras, seus versos de gosto às vezes macabro, com a obsessão da cova e da morte, tudo contribuiu para fazer dele uma espécie de Baudelaire português. Alberto de Oliveira, adolescente, vivia em adoração diante dele, em parte por causa da «fascinação magnética que irradiava «daquele homem tão diverso» de todos os seus conhecidos, em parte por causa da «*fé absoluta que (lhe) inspirava o seu génio poético, ainda a esse tempo, aliás, mais latente que patente, pois só se revelara em intermitentes e fragmentários versos que são, comparados com os que vieram a fulgurar na «Só», como o balbuciar hesitante, embora já expressivo duma lira incipiente*».

Nobre não sofria de doença nenhuma, observa Alberto de Oliveira, além do seu imaginário «mal de viver». Estava contaminado por aquele espírito de desespero do fim do século, que nos versos de Antero de Quental assumiria tão elevada forma filosófica. Em António Nobre esse gratuito mal é sobretudo tédio, é «spleen».

As inglesinhas que ele via na praia de Leça davam à sua primeira poesia um sabor de cosmopolitismo requintado. Ao longo desses primeiros anos, e mesmo depois, no «Só», falará com frequência das loiras misses, uma das quais, segundo uma poesia de 1886, para ele escreveu na areia uma declaração de amor. Os versos não eram dos melhores, mas deviam inflamar outros estudantes, de 1891, rudes beirões ou severos alentejanos, impressionados com aquelas finas aventuras da Foz do Douro:

Ontem, quando me banhava
No mar que as galeras mexe,
Tu disseste que eu nadava
Como um peixe.

Olhei-te, a sorrir da ideia,
Eu olhei-te, sim! e tu
Escreveste, à flor da areia:
«I love you».

Falava da morte, mas por visíveis influências literárias, como um «tema poético» e ainda não como uma verdadeira voz da sua vida interior:

Quando eu enfim morrer, oh! dêem-me por campa
Um monte alto, elevado...

Escrevendo versos para miss Ellen, «miosótis do Norte», dirá que em sua boca desejaria «beber em sonhos o haschich da Morte». Está-se a ver, desde logo, que esse haschich não passava de um motivo tomado às liras malditas de Paris. O seu ideal feminino ainda não está encarnado em Purinha. Tudo nele, a tal respeito, será um desfilar de «virgens do Norte», com «não sei quê de excêntrico e adorável». Se em sonhos tem o encontro de uma visão feminina, a quem pede «em tom vibrante e forte» para ser sua «noiva» e a sua «esposa» a visão lhe responderá que é «A morte». Sente-se que o poeta está tateando, procurando a sua própria personalidade, batendo no chão com pés cautelosos, a ver onde a ressonância é maior; trabalha seus temas literários abstratamente, por vezes aplicando os mesmos versos a motivos diferentes, como sucedeu como sucedeu com uma poesia de 1886, na qual se dirige a uma rapariga inglesa:

Ellen! meu céu! meu norte! meu abrigo!
Alma gentil, consoladora e grata!
Ah, quem me dera navegar contigo
Pelos céus, numa gôndola de prata...

Dois anos depois, em Coimbra, aproveitará os dois versos dessa quadra numa outra poesia denominada «Além-Sol!»

Meu luar! meu céu! meu norte! meu abrigo!
Anjo, como eu, cheio de «spleen» profundo:
Ai, quem me dera debandar contigo
Para uma terra estranha de além-mundo...

O preciosismo literário de António Nobre corresponde, então, ao seu dantismo pessoal. Ele é o raro, o singular, o incompreendido, o só. É o «só», não no sentido intelectual que mais tarde terá a sua obra, mas no fastidioso plano de cada dia, de cada dia, de convivência com professores caturras e estudantes pouco sensíveis às delicadezas da sua espiritualidade. Esse preciosismo tinge-se de matizes místicos, por mera «atitude», e o poeta aplica ao mar imagens monacais:

Ondas! Minhas amigas extremosas!
Sorri à minha pobre mocidade:
Olhai por mim de longe, ondas piedosas!
Irmãs de caridade!

Junto do Mondego lembra-va-se do mar, do mar da praia do Seixo; perguntava às ondas se elas gostavam de Anto, se o tinham esquecido:

Ondas! Aqui só ouço, entre destroços
Contigas de estudantes pela rua.
Ai! quem me dera ouvir os Padres-Nossos
Que vós rezais à Lua!...

Nesses versos de 1888, escritos em Coimbra, predominava uma artificiosa tendência para certas imagens. O poeta compara as ondas a freiras; o mar é um convento que tem «por abadessa a lua Santa Clara». Retomará essas metáforas num soneto do ano seguinte; e, mais tarde, até mesmo no «Só».

Oceano! Pudesse eu, em suma,
Vestir teu branco hábito de espuma.
E ir professar, aí, nesse convento...

Nesse convento de água verde-amara
cuja abadessa é a lua Santa Clara
E cujo padre-capelão é o vento!

Definiam-se já em António Nobre, nos seus anos de Coimbra, as duas constantes psicológicas, de certo modo opostas, que marcariam a sua personalidade: a insularidade do aristocrata e do hipersensível, e a sua profunda ternura pela gente rústica e por tudo que nela é espontâneo, heróico e virginal. Até no seu amor do mar — o padre Oceano — se poderá sentir um reflexo dessa ternura; porque, no mar, o que vê António Nobre não é a misteriosa e musical vastidão de águas que se lamentam nas prais desertas, mas, antes de tudo, é o ganha-pão dos pescadores, a lavoura dos poveiros, do Zé da Clara e do Mestre Zé da Lenor.

Numa carta a Alfredo de Campos, escrita em Coimbra a 25 de Maio de 1890, o poeta inveja a existência que leva o seu dilecto amigo em Laça da Palmeira: a casinha clara, a janela aberta para a verde paisagem de pinheiros, as palestras, após o jantar, com o sr. Silva. E exclama: «Oh! a palestra dos Simples...»

Isso é o que lhe falta em Coimbra: os simples: os seus bons campónios da Vila Meã ou os pescadores de Leça. «*Se houvesse ou menos* — diz ele na mesma carta — *por estes arredores alguns quilómetros de costa-de-mar, por onde pudesse navegar os olhos; alguma poça de água salgada, onde todas as manhãs o Juseph enchesse um púcaro...*»

Coimbra, da qual mais tarde falará com saudade, não correspondia a nenhum dos seus pendores intelectuais ou afectivos: nem o refinamento da cultura moderna, nem a inocência da vida popular. Deixava-lhe «uma impressão de tédio imenso».

«*O tom da Idade Média que existe em tudo isto é tal* — escreve ele em Outubro de 1888 a outro amigo — *que eu por momentos chego a crer que o Dante escreveu o Inferno o mês passado*». Agradava-lhe (ainda aqui uma reveladora manifestação do seu dandismo) «o trajo dos estudantes, bedéis, archeiros lentes»; porém queixavam-se das «caras» que via, mais ou menos do género da do detestado professor Rosalindo Cândido: «*/.../ estas caras de Portugal são calinamente boçais, tão rosalinamente idiotas, que nada lhes pode ficar bem*».

Essa irritação era o contrachoque da hostilidade com que o tinham recebido os confrades do meio universitário, provocada principalmente pela preconcebida atitude de isolamento do poeta, atitude que se exprimia tanto no vestuário como nas maneiras: «*/.../ uns colarinhos mais ou menos altos* — escreve o seu amigo Eduardo de Sousa no estudo que lhe dedicou —, *umas luvam que se calçam como preservativo de certas mãos, (...) um convívio que se dificulta, poucas expansabilidades, singularidades de humor...*» No dia da abertura das aulas, 17 de Outubro de 1888, quando Nobre transpôs a Porta Férrea da Universidade através da multidão de veteranos — ansiosos por atropelar os calouros, conforme a proxe —, ia «ligeiramente trémulo, talvez pálido, mas sorrindo».

Em voz alta dizia-se: «E' poeta! E' Reformador!». Contando a sua estreia de novato na carta do dia seguinte a Augusto de Castro, continua com certos azedumes, em que não deixa de haver satisfação vaidosa: «*Tenho sido, dizem-me, bastante notado pelos estudantes, e há, entre eles — espanto meu! — ciúmes de mim. Conservo-me entretanto, afastado de todo...*»

Dias depois, a 25 de Outubro, dirá ao mesmo companheiro de adolescência: «*Porque eu sou muito infeliz. Quando me lembro que tenho diante de mim cinco anos de estudo bacharelático, animal, no meio desta gente que não me compreenderá nunca, porque a minha educação tanto literária, como social, é — juro-te — inteiramente diferente da deles — eu sinto um desânimo incomparável*».

Tudo o contrariava, até mesmo os vícios de prosódia de certo lente, Avelino Calisto, como se vê deste outro trecho da mesma carta: «*A cadeira de Filosofia do Direito, tem, agora, mais Sociologia, que o tolo do Calisto pronuncia Sóciológica, Isto bole-me com os nervos enormemente*».

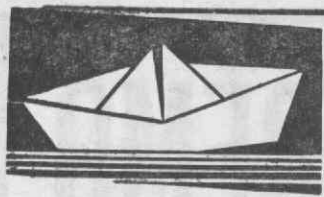
Seus amigos ali podiam contar-se António Fogaça, que morreu semanas depois, nesse mesmo ano de 1888; Alberto de Oliveira; Agostinho de Campos; Justino de Montalvão; e bem pouco mais. Os poetas que encontrou pareciam aedos com a chegada do «reformador», não só pelos seus versos, como muito, talvez, pelas lendas que já o cercavam e pelas suas maneiras distantes.

«*Os poetas de Coimbra* — escreve António Nobre a Augusto de Castro naquela mesma carta — *estão furiosos uns contra os autros: intrigas sobre intrigas. Têm uma alma mesquinha, a par de uma inferioridade que os torna verdadeiramente sórdidos. Excepto o António Fogaça, que tem talento e alma. Mas sabes o motivo da fúria? O teu António. Cheguei e, sem eu fazer isso, agitei as águas doces em que eles iam boiando e, agora, é que é vê-los: furiosos, verdadeiramente furiosos*».

As decepções de Coimbra foram muitas. Já em 23 de Junho de 1889, passando as primeiras férias na casa paterna — a Casa do Seixo, em Vila Meã — mostrava toda a sua alegria pela volta ao convívio dos simples; e referia-se ao abade de S. Mamede de Recezinhos como «valente homem», de «palavra anedótica e sã», amigo da caça aliás «mais Padre de perdizes, do que Ministro de Deus». Como seu amigo António de Melo, o *Toy*, tivesse feito o «necrológio da sua alegria», António Nobre dizia a Agostinho de Campos que ia escrever-lhe, ao *Toy* no dia seguinte... «*dia de foguetes, vinho e cavacas, bambolins de murta, dia de almanaque, cheio de alegria saloia...*»

A aldeia dava-lhe de novo a vontade de ser feliz: esquecia-se assim da Coimbra medieval e rotineira. «*/.../ Com a ajuda de Deus e das flores* — ajunta ele na carta — *tenho ido cicatrizando a pouco e pouco o fundo golpe que o Pedro e o resto da quadrilha* (referia-se aos tentes da Universidade) *me vibraram, de alto a baixo, nas matas escuras do 1.º ano jurídico*». Era ao tempo em que as suas desilusões de estudante reprovado e de esteta incompreendido o faziam dizer:

Em certo Reino, à esquina do Planeta,
Onde nasceram meus avós, meus Pais,
Há quatro lustros, viu a luz um poeta
Que melhor fora não a ver jamais.

Ribeiro Couto

BARCOS de PAPEL

SECÇÃO DIRIGIDA POR CARLA

A GUERRA E OS COMPUTADORES

As manobras militares constituem um exercício dispendioso, mas necessário, para conservar as tropas e o material em forma. Além disso, exigem um território enorme. Dispendiosas e difíceis como são, não podem, contudo, dispensar-se.

Com a ajuda de um computador, no entanto, podem agora travar-se autênticas batalhas num âmbito muitíssimo mais reduzido. Não se trata, evidentemente, de fazer a guerra numa sala de estar. Um conjunto de salas, no entanto, já chega.

Com efeito, um novo simulador, agora produzido por uma casa inglesa, torna possível dispor uma linha de combate, atirar bombas, proporcionar vitórias esmagadoras e causar derrotas catastróficas. Mas não é um brinquedo. Trata-se de um «robot» colossal que pesa vinte toneladas, possui mais de 10.000 válvulas e transistores e exige 60 kilowatts de energia para trabalhar.

O cenário é o seguinte: os diversos elementos «em combate», cada um representando um navio, um submarino, um avião ou um helicóptero, distribuem-se por várias salas. Cada uma destas salas está equipada com painéis de controle e receptores de radar que permitem aos comandantes respectivos manobrar realisticamente, com tiros de canhão, mísseis, torpedos, mensagens, etc.. Os resultados de toda esta actividade são transmitidos a um computador central que, depois de filtrar a informação recebida, estabelece os objectivos atingidos, determina quais os «elementos» que devem ser responsabilizados e informa os participantes respectivos.

Como é evidente, não se pretende substituir, com este «militarismo de cadeira», as manobras militares. Apesar disso, no entanto, o «treinador táctico», como lhe chamam, tem-se revelado uma peça de equipamento particularmente útil.

TV A CORES NO TREINO DOS PILOTOS

Hoje em dia, com os requintes de aperfeiçoamento da aviação a jacto, treinar um piloto é um processo muito dispendioso. Parte do treino é realizado em simuladores — aparelhos que, sem descolar do solo, reproduzem fielmente as condições de vôo. Este facto, só por si, economiza dezenas de milhares de libras.

Os simuladores dão uma cópia exacta não só da aterragem e da descolagem, mas conseguem ainda proporcionar, na íntegra, as características verificadas em vôo. Para tornar o treino mais real ainda, acaba a casa inglesa E. M. I. Electronics de lançar uma nova versão de simulador, mas agora com televisão a cores, e o modelo, em 3 dimensões, de um aeroporto. Assim, o piloto obtem, no solo, uma visão completa e colorida da pista de aterragem e do terreno adjacente, tal como vistos do ar.

O sistema mostrou-se particularmente útil na reprodução de condições nocturnas, pois só a televisão a cores pode revelar os diversos sinais luminosos do aeroporto, inclusivamente as luzes da pista.

AÇO REVESTIDO DE PLÁSTICO

«Stelvetite» é o nome dado por uma fábrica britânica ao seu produto. Trata-se de aço revestido de plástico, que possui um elevado grau de resistência à corrosão — tal como, na prática, acaba agora de demonstrar-se.

Com efeito, a fábrica produtora, depois de ter realizado uma série de experiências nas suas próprias instalações, chegou a conclusões muito interessantes. Assim, naqueles departamentos em que, devido à acção nociva dos vapores de ácido, havia antigamente necessidade de substituir cada cinco ou seis semanas o revestimento de aço galvanizado, verificou-se agora que as folhas de aço revestidas de plástico permaneciam, depois de terem estado em uso consecutivo durante catorze meses, em bom estado e ainda susceptíveis de utilização mais prolongada.

Para dar uma ideia da atmosfera particularmente corrosiva que existe naqueles departamentos, basta dizer que uma análise química neles levada a cabo provou a existência de um conteúdo de ácido sulfúrico de 7.400 miligramas por 100 metros cúbicos, comparados com a média de 13 miligramas que se verificou a uma distância de algumas milhas da fábrica em campo aberto.

PAPEL À PROVA DE RASURAS

O novo tipo de papel, que acaba de aparecer no mercado, permite agora às dactilógrafas apagar os seus próprios erros com uma borracha vulgar — tudo isto com muita prontidão e muita limpeza.

Na realidade, podem agora fazer-se as correcções necessárias sem de qualquer modo alterar a superfície do papel. Nem rasgões, nem buracos, nem rugas. Produto de anos de estudo e de um notável trabalho de equipa, este novo tipo de papel, depois de ter sido sujeito às mais diversas experiências, pode agora ser recomendado para todo e qualquer trabalho de escritório, mas muito em especial para aquele género de dactilografia em que os vestígios das rasuras são particularmente indesejáveis, como, por exemplo, a contabilidade.

TU E O TEMPO

Comparo a tua vida
ao tempo!...
Tu passas
e as horas passam,
sem um lamento!...
E, às vezes, o tempo
muda
e a tua alma,
chora!...
E na cidade,
talvez na aldeia,
e por aí fora!...
Mas quando o sol surge,
no horizonte,
uma alma nova
te vem...
Como o despertar duma rosa
no monte,
que é só de Deus
e de mais ninguém.

CARBATY — *Aveiro, 6-6-62*

O RAPAZ DO ARCO

SABIA QUE...

★ *Uma firma britânica ganhou, em concorrência com companhias americanas e europeias, o contrato para o fornecimento de estruturas de aço pré-fabricadas que se destinam às obras da barragem de Mangla, no Paquistão?*

★ *Um tacómetro para motores de jacto, portátil e electrónico, foi um dos mais modernos sistemas de verificação de aviões apresentados, recentemente, numa Exposição de Londres?*

★ *Uma firma escocesa exportou para a Rússia toda a maquinaria para uma fábrica automática de laminar batatas?*

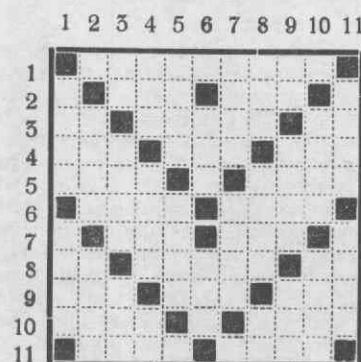
★ *Nas últimas semanas, uma firma britânica de camiões recebeu, só de A'frica, encomendas no valor de um milhão de libras?*

★ *Uma firma britânica acaba de fornecer à ilha de Jamaica um alternador de 2 000 kw, com motor* diesel *de cilindros?*

★ *Foi recentemente inaugurada em Leeds, no nordeste da Inglaterra, uma nova siderurgia que já obteve contratos para a indústria nuclear?*

Palavras Cruzadas

PROBLEMA N.º 5-62

ORIGINAL DO CAPITÃO LUÍS CÉSAR RODRIGUES

HORIZONTAIS:

1 — Música e dança napolitana. 2 — Poema medieval, narrativo ou lírico; furor. 3 — Letra grega (inv.); ventila; roda. 4 — Pronome pessoal; ouve-se; brado. 5 — Elefante-fêmea; inutiliza. 6 — Medonho; verseja. 7 — Queixumes; raiva. 8 — Eles; obrara; de outro modo. 9 — Aqui estão; pedra de altar; prego. 10 — Vassourar; aroma. 11 — Gracejavas; gastas.

VERTICAIS:

1 — Aviso; estar afeito. 2 — Faz girar; fecha as asas para descer com mais rapidez. 3 — Outra coisa; colocada; tenho conhecimento. 4 — Relas; cantata; cânhamo da Índia ou de Manila; 5 — Camareiros; aversão. 6 — Aposta; viajara. 7 — Puxa; zombara. 8 — Época; anda à roda; artigo (pl.). 9 — Nota musical; conquista; panela. 10 — Habita elos de cadeia. 11 — Subjuga; pessoa bela.

Solução do Problema n.º 4-62

Escote — Aira — Leira — Ossos — Ermo — T — Asi — Fio — Del — O — M — AA — Perda — Rã — N — Ais — Armal — Tá — Opa — Alpo — Ira — Ema — Lar — Amas — Ada — S — Cal — Adira — S — Os — Adora — Ró.

O CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DA IMORTAL OBRA DE VICTOR HUGO "OS MISERÁVEIS"

Comemorando a passagem do primeiro centenário da publicação da imortal obra de Victor Hugo «*Os Miseráveis*», a *Editorial Estampa* acaba de lançar o 1.º fascículo de uma edição monumental.

A obra, de luxuosa apresentação, é traduzida pela escritora Maria Lamas e ilustrada por Lima de Freitas — dois nomes tão ligados à edição de obras de grande fôlego e alto valor bibliográfico que são, por si, a garantia do alto nível do empreendimento.

Direcção gráfica de Victor Palla. Distribuição: Círculo do Livro L.da, de Lisboa.

Secção dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

TORNEIO DE COMPETÊNCIA

APÓS uma época oficial repleta de *soluços* traduzidos num malbaratado desaproveitamento de inúmeras datas, a derradeira prova do calendário federativo que incluiu grupos da I Divisão vai ter também os seus atrasos...

Jogou-se apenas o par de encontros da ronda de abertura, no domingo passado, apurando-se laboriosos êxitos do Lusitano de Évora (2-1), em Setúbal, ante o Vitória, e do Beira-Mar (1-0), em Aveiro, ante o Braga.

E já amanhã ficam por efectuar as partidas correspondentes à segunda jornada, pois a Federação Portuguesa de Futebol resolveu *pregar nova partida* àqueles quatro clubes! Sem qualquer consideração (ou sequer uma simples atenção!), os dirigentes federativos adiaram «sine die» os jogos Braga-Setúbal e Lusitano-Beira-Mar — tudo isto para se consentir na antecipação para amanhã do jogo da Taça de Portugal (marcado para meio da próxima semana) que os sadinos têm de sustentar com o Belenenses.

Alarmados com esta imprevista e altamente prejudicial situação, os dirigentes dos clubes lesados logo apresentaram superiormente justíssimos protestos contra o adiamento da prova — sobretudo pelo facto de se protelar ainda mais o termo de uma época que, de há muito, devia estar concluída.

Posteriormente, em reunião com o Director Geral dos Desportos, na segunda-feira, aventou-se a possibilidade de se realizarem duas jornadas por semana até o fim do torneio — o que abreviaria, òbviamente, o seu final. Nada ficou assente em definitivo — e nem na altura de escrevermos esta nota se conhecia ainda o futuro que está reservado à competição...

Sabe-se, apenas, que o Torneio de Competência foi suspenso — e só recomeçará depois do Vitória de Setúbal ficar afastado da Taça.

Deveras lamentável, o presente caso foi originado por um lapso imperdoável dos senhores federativos — que não souberam (ou não quiseram...) prever a hipótese que se está a verificar: um grupo simultâneamente qualificado para duas provas oficiais a realizar nas mesmas datas!

Para além da citada imponderação, no presente caso surge-nos também, bem marcado, o nulo apreço que os homens das altas esferas da bola votam aos sacrificados esforços que os clubes de futebol fazem para se manterem dentro duma posição dignificante no âmbito da modalidade.

Chegou-se a um escuso beco — de apertada e custosa saída, bem o sabemos. Mas não se tentou orientar as passadas necessárias a esse fim. E isto é que magoa; isto é que fere; isto é que não está certo; é isto que interessa, urgentemente, remediar de forma decisiva e total!

Postergaram-se e ofenderam-se legítimos e respeitáveis interesses, a que já não se pode dar inteira compensação. Bom será, portanto, que se pense a sério em não protelar o inquietante e indesejável «stato quo» a que se chegou — dando-lhe a rápida e justa solução que ele requer.

Vítimas, como sempre, os clubes e os futebolistas precisam de que se abreviem, quanto possível, os seus prolongados sacrifícios e preocupações desta atribulada e *soluçante* época...

Mas — note-se bem! — não se cometa novamente o erro de matar de remédio o mal que se pretende curar...

BEIRA-MAR, 1 — BRAGA, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte. *A'rbitro* — Clemente Henriques. *Fiscais de linha* — Armando Faria (bancada) e Cid Gomes (peão) — todos da Comissão Distrital do Porto.

●

Beira-Mar — Bastos; Moreira, Marçal e Girão; Valente e Evaristo; Miguel, Garcia, Diego, Chaves e Azevedo.

Braga — Vítor; Antunes, Narciso e José Maria; Armando e Portugal; Palmeira, Carlos, Rafael, Bártolo e Teixeira.

●

Aproveitando um passe de Chaves, aos 14 m., DIEGO fez o único golo do desafio, com um remate rasteiro e colocado.

●

A partida entre aveirenses e bracarenses veio demonstrar que a presente altura do ano já não é própria para o futebol de competição — pois a época estival surge-nos com a maioria dos atletas em período de evidente saturação, e com muitos deles necessitados de descanso para recuperar energias.

Assim, e principiando mesmo o desafio a uma hora em que o calor já não era intenso, foi notório que o esforço dos jogadores esteve condicionado, em elevado grau, à temperatura da tarde de domingo — um aliciante convite para as praias...

●

Com um início prometedor nos dois meios-tempos, em lances rápidos de golo à vista, o futebol dos beiramarenses não teve, depois, qualquer continuidade, vindo a quedar-se num plano que só por favor poderá classificar-se de sofrível.

Na realidade, os beiramarenses efectuaram, talvez, a sua pior actuação da época: o ataque, desconjuntado, complicativo e pouco agressivo; os médios, activos, mas sem talento construtivo; e os defensores (à excepção de Marçal), precipitados, atabalhoados e inseguros — todos os sectores contribuiram para a fraca exibição do *team*, que deu uma pálida ideia do seu real valor e veio a conquistar um êxito pela contagem mínima após noventa minutos de permanente sofrimento, sobretudo na fase derradeira, que foi mesmo dramática...

●

Deste jeito, os bracarenses puderam evidenciar-se; e, mesmo sem grande *perfomance,* mesmo com futebol de mediana qualidade, a aplicação dos seus elementos e a habilidade dos seus irrequietos dianteiros chegaram para se atribuir aos minhotos uma nota razoável. Activos e imaginosos, e mantendo um ritmo veloz e uniforme ao longo de toda a partida, os forasteiros surpreenderam agradàvelmente e obrigaram o Beira-Mar a acautelar-se e a defender a magra e tangencial margem que conseguira.

Mas — e apesar de terem forçado o *keeper* Bastos a um punhado de defesas de muita categoria —, os dianteiros do Sporting de Braga foram demasiado ingénuos na finalização, pelo que não vieram a tirar partido da nula inspiração e da descoloridíssima exibição do onze de Aveiro.

●

Na segunda metade, com o jogo a arrastar-se em ritmo monótono e em feição de equilíbrio territorial, com o Sporting bracarense sempre mais claro (e mais inoperante, também), a turma minhota reclamou, por duas vezes, golos — que o árbitro não validou.

No primeiro lance (aos 55 m.), num *corner* apontado directamente por Teixeira, ficámos com a impressão que a bola embateu na

Continua na página 5

Falando de REMO

Dentro da série de provas que a Federação Portuguesa do Remo incluiu no seu calendário da decorrente época, encontravam-se os Campeonatos Regionais de Principiantes — que se realizaram no pretérito domingo, em Lisboa e no Porto, sob organização da Associação Naval de Lisboa e do Sport Clube do Porto.

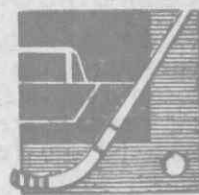
Na zona nortenha, competiram sòmente representantes dos clubes portuenses — sendo de notar, e lamentar, a ausência de remadores de outros centros (Aveiro, Caminha, Viana do Castelo e Vila do Conde).

Verificando, com desgosto, as citadas falhas, é com compreensível aprazimento que podemos referir, neste apontamento ligeiro, que o Clube dos Galitos vai comparecer, no Porto, nos Campeonatos Regionais de Juniores, marcados para o dia 1 de Julho, em organização do Clube Fluvial Portuense.

A prestigiosa Secção Náutica do Galitos — em fase de renovação dos seus quadros — enviará ao Porto duas tripulações: shell de oito *e* shell de quatro remadores.

Hóquei em Patins

Campeonato do Centro

Galitos, 5 - Sport, 6

Jogo no Rinque do Parque, em Aveiro, na noite de sábado passado, sob arbitragem do sr. Neves Ferreira, de Coimbra.

Galitos — Gil, Almeida, José Augusto, Vieira e Albertino. *A sexto* Lobo.

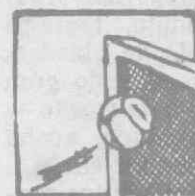
Sport — Pereira, Américo, Norberto, Armando e Abílio. *Supls.* — José Luís e Garcia.

A partida foi muito movimentada, e aqueceu demasiadamente na fase final — o que determinou expulsões temporárias de diversos elementos de ambas as turmas e originou um visível descontrole do árbitro, que não teve pulso para se impor.

Mercê destes incidentes, o grupo de Coimbra logrou chegar ao fim do jogo na posição de vencedor — já que o Galitos se perturbou e perdeu a lucidez necessária para segurar a preciosa margem de 4-2 com que se chegou ao descanso.

Marcadores: pelo Galitos — ALBERTINO, aos 5 e 20 m., LOBO, aos 6 m., AMÉRICO (nas próprias redes), aos 15 m., e JOSÉ AUGUSTO, aos 39 m.; pelo Sport — GIL (nas próprias redes), aos 5 m.; JOSÉ LUÍS, aos 16, 27 e 37 m., e ARMANDO, aos 30 e 35 m..

●

Mercê deste seu êxito em Aveiro, o Sport Conimbricense segue cem por cento vitorioso — pelo que entre si e o Termas se decidirá, este ano, a questão do título.

Andebol de 7

CAMPEONATO DISTRITAL

Atlético Vareiro, novo campeão

Mercê dos últimos desfechos apurados, o Grupo Atlético Vareiro ficou campeão distrital, recuperando o título que o Beira-Mar ostentava desde a época finda.

Para representar Aveiro na prova máxima qualificou-se, além do *team* ovarense, o Sporting de Espinho — na realidade as duas turmas mais regulares da competição, isto após o afastamento da Académica, que determinou sensíveis alterações na tabela com grande benefício para os novos campeões.

Resultados apurados:

Avanca, 10 — Espinho, 15
Atlético Vareiro, 18 — Amoníaco, 12
Escola Livre, 22 — Beira-Mar, 26
Avanca, 7 — Atlético Vareiro, 22

Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
A. Vareiro	12	10	—	2	170-108	32
Espinho	11	8	1	2	119- 87	28
Amoníaco	11	7	—	4	120-110	25
E. Livre	12	5	2	5	149-157	24
Beira-Mar	11	5	1	5	119- 98	22
Avanca	12	2	—	10	109-152	16
Sanjoan.	11	1	—	10	84-158	13

Para se concluir a prova, restam agora os desafios *Amoníaco-Espinho (9-11)* e *Sanjoanense-Beira-Mar (2-13).*

ESCOLA LIVRE, 22
BEIRA-MAR, 26

Jogo em Oliveira de Azeméis, na terça-feira, sob arbitragem do sr. José Pauseiro.

Escola Livre — Correia, Moutinho, Fernandes 3, Costeira 6,

Continua na página 5